

Suzana Rodrigues Pavão

Espelhos Estilhaçados em *Jornada de África*, Romance de
Manuel Alegre

Dissertação de Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Belo Horizonte
1997

Suzana Rodrigues Pavão

Espelhos Estilhaçados em *Jornada de África*, Romance de
Manuel Alegre

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa, elaborada sob orientação do Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Belo Horizonte
1997

Dissertação defendida e aprovada em 07 de Abril de 1997,
pela banca examinadora constituída pelos professores:

Para meus filhos, grandes amigos:

Christina Mara

Heloísa Helena

Alberto Augusto

Marcelo Augusto

Marcus Vinicius Ary

E, muito especialmente, para

Ary e Hilda

Meus pais a quem tudo devo.

Agradecimentos

Ao Benjamin, orientador e amigo a quem aprendi a admirar,

aos professores e colegas do Curso de Pós-Graduação em Literaturas de Língua Portuguesa, cuja convivência considero um privilégio,

ao Leonel I. Almeida Melo, da Universidade de São Paulo, grande amigo, companheiro de muitos anos, com quem sempre muito aprendi,

ao Carlos Henrique Serrano, da Universidade de São Paulo, pelo apoio, incentivo e contribuição,

a Angela Vaz Leão, Maria Nazaré Soares Fonseca, Maria do Carmo Lanna Figueiredo, Wilton Cardoso de Sousa, mestres inesquecíveis,

a Maria Lúcia Lepecki, mestra e amiga que me trouxe de volta o amor às letras portuguesas,

a Lourenço do Rosário, mestre que me apresentou novos rumos,

a Edy Faria e Márcio Antônio Marques de Almeida, pela amizade incondicional em todos os momentos e por me ensinarem a ver a vida com desprendimento e sinceridade,

a meus alunos das Faculdades Integradas Newton Paiva, meus colegas e à direção da Instituição, pelo apoio durante a elaboração de meu trabalho,

meus agradecimentos.

Este trabalho foi realizado com o auxílio de bolsa de estudos da CAPES e com uma imprescindível ajuda da Direção das Faculdades Integradas Newton Paiva Ferreira, para o custeio de minhas viagens constantes à Universidade de São Paulo.

*...Caminhámos tanto para chegar a esta
desolada paisagem interior*

*Cartas de fuzilados: eles cantavam a Marselhesa
A minha geração nasceu da guerra
e viu crescer o cogumelo de Hiroshima
Vibramos tanto com o Bogart em Casablanca
Depois aprendemos a cantar Kalinka
Era o tempo das certezas
 redondas como as abóboras
cada ano mais felizes no Kolkhoze*

*Ainda entramos a cavalo
com o CHE
em Havana*

*Era o tempo da festa e da guerrilha
a revolução ia ser uma aventura
acreditamos até na abolição da morte
Era o tempo em que a história
 parecia um comboio
rolando inevitavelmente para a terra prometida(...)*

ALEGRE, Manuel. *Atlântico*. Lisboa: Dom
Quixote, 1989, p.143.

Sumário

Um percurso no espaço literário de Manuel Alegre	10
1. Ficção e realidade	18
1.1 A nova dinastia, a nova política	18
1.2. D. Sebastião - O Desejado: Morte de uma nação, início de um sonho	32
1.3. Portugal e seu Mundo Individualizado	38
1.3.1. A expansão ultramarina: um ato de sobrevivência, uma operação ideológica	40
1.3.2. A marca do conflito eterno: colonizador e colonizado	43
1.3.3. A conquista colonial	47
1.3.4. A realidade espiritual e material do colonizado	50
1.4. Descolonização: um ato de luta consciente	51
1.4.1. Angola, nacionalismo e revolução	54
1.4.2. A crise da ditadura: uma situação revolucionária	59
2. Interrogar o tempo, decifrar os sinais	65
2.1. Retorno, remorso: o luto impossível	73
2.2. Mitos, rituais e desmitificação	74
2.3. Sebastião ou Sebastião - Alcácer ou Angola	84
2.4. Jornada de África e a ideologia portuguesa	89

2.4.1. Angola é Alcácer Quibir - Sebastião, o rei ou o alferes, os homônimos de Alcácer	96
2.5. A repetição de nomes e personagens: coincidência ou uma armadilha do destino	102
3. Os caminhos da narração	110
3.1. A narração, seus aspectos e definições	112
3.2. As fronteiras entre o real e o fictício	117
3.3. D. Sebastião, o rei	122
3.4. Sebastião, o alferes e todos os nomes de Alcácer	127
4. <i>Jornada de África</i> : o mundo intertextual	132
4.1. A linguagem intertextual: Alcácer e Angola, Sebastião e Sebastião	134
4.2. A viagem através dos textos e da história	139
4.3. Uma crônica do avesso: o avesso do avesso	143
4.3.1. Miguel de Noronha, Vasco da Silveira, João Furtado, Duarte de Menezes, Alvito, Jorge de Albuquerque Coelho e Jerônimo de Mendonça, o “escritor”	145
4.3.2. Outros nomes, outras vidas, outro Alcácer	148
4.4. Da batalha, seus sucessos e conseqüências	152
Conclusão: <i>Jornada de África</i> : um longo percurso, uma grande descoberta	156

Referências Bibliográficas	162
Textos de Manuel Alegre	162
Textos Teóricos e Críticos	162
Bibliografia Geral	164

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo fazer uma releitura do sebastianismo tendo como base a idéia de retorno, de reconquista da pátria que foi fazer sua glória fora de seu território e que agora deve ser um *Os Lusíadas* ao avesso. É a volta ao lar, à terra, à pátria, às raízes.

Observamos ser um texto que ao fazer alusões à história em nada se prende a idéias de saudosismo ou passadismo, antes, pelo contrário, procura recolher os pedaços do espelho estilhaçado pelo tempo para dessa forma conseguir cantar a idéia do presente, com os olhos no futuro, que fulgura no horizonte de Manuel Alegre.

E como o próprio autor definiu em um de seus poemas:

***“Há um tempo parado no tempo que voa.
Porque um fantasma é rei de Portugal.
(ALEGRE, 1989, p.160)***

Introdução: um percurso no espaço literário de Manuel Alegre

A literatura portuguesa sempre foi um campo de pesquisa que nos despertou uma especial curiosidade e atenção. Conhecer o imaginário português, tal como ele aparece nas obras de seus autores principais, ocupou-nos durante todo o nosso percurso como estudante de Letras. Um interesse que foi se desenvolvendo quanto mais contato fomos tendo com novos autores e principalmente com os autores portugueses contemporâneos.

Levamos em conta uma convicção que temos de que todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo. Não nos desligamos, assim, de nossas lembranças, vivências e convicções e buscamos, em nossas pesquisas, encontrar respostas às indagações que se tornaram uma constante em nossa trajetória de estudante, de profissional da área de educação e de interessada pesquisadora das obras literárias.

Ao tomar contato com a produção literária de Manuel Alegre, autor pouco divulgado no Brasil, nos surpreendemos com um universo literário, rico e original em si e na forma de retratar sua

mensagem literária, tão ligada à realidade histórica, social e política de seu país.

A obra de Manuel Alegre possui um engajamento político que reflete a sua própria atuação na história de Portugal. Dessa forma, levou-nos, como leitores interessados, a pesquisar as relações entre literatura e história e a documentar-nos em bibliografia interdisciplinar, que nos proporcione subsídios para nossos conhecimentos em textos da literatura portuguesa e que nos elucidassem os aspectos do caminhar dessa nação, no decorrer dos séculos, até chegar à atualidade.

Sempre partindo das obras do autor escolhido para nosso estudo, fomos sendo levados em suas páginas a buscar os versos de Camões, Pessoa e outros textos mais, que fazem parte do caminho literário de Manuel Alegre, e dessa forma, passaram a traçar correlativamente os caminhos de nossa pesquisa. As indagações provocadas pela obra desse autor nos instigaram a este estudo, que prosseguirá, aprofundando reflexões, numa etapa subsequente desta investigação científica. É nossa preocupação canalizar os dados mais relevantes desta discussão para uma reflexão mais ampla sobre as formas literárias que sinalizam para anseios dos povos subjugados.

Jornada de África é o único romance editado de Manuel Alegre, e representou, para nós, um texto de síntese, capaz de dar unidade

à reflexão iniciada com a leitura de seus contos e poemas. O romance, em seu tema central e no desenrolar das ações, desenvolve-se através de estratégias discursivas que configuram o caminho das personagens similares às verificáveis nos contos e poemas do autor: uma trajetória que imbrica literatura e história, seja em relação ao povo português, seja em relação ao angolano, num constante entrecruzar.

A formação do império lusitano mostra-nos, com base no que se poderia denominar de “mito do inacabado”, circunstância que dialoga, em Manuel Alegre, com a situação política do presente da nação portuguesa, país que vive uma ditadura marcada por violências, perseguições e torturas. Ditadura que, ao oprimir cada vez mais o português da metrópole, o iguala ao colonizado de África, à medida que ambos vivenciam, cada vez mais, um clima de terror e insegurança. Fazemos essa relação de semelhança ao encararmos as duas opressões, advindas de um mesmo opressor. No espaço do texto de Manuel Alegre, o cidadão português é vítima de uma opressão violenta que o coloca num estado de terror e o identifica de certa maneira à violência vivida pelos colonizados, que não tinham propriamente o estatuto de cidadão. As fronteiras que separam Portugal e Angola se alargam dentro do contexto da “guerra fria” e os conflitos de outros espaços criam, assim, um sistema de significação político-cultural mais amplo. Essa matização

ideológica impregna as ações e as reações dos povos que se identificam supranacionalmente com princípios e valores similares.

O Salazarismo é mostrado na obra com suas marcas de violência, torturas e perseguições. A população, dominada pelo medo, só pode escolher entre fugir, aderir ou rebelar-se contra o sistema. Dominador e dominado identificam-se através da violência sofrida. É o branco que massacra o negro, ou o dono do poder, branco ou negro, que massacra a todos, para manter-se como dominador. Há uma forte analogia, embora paradoxal, entre a vítima e o opressor.

Seguindo essa linha de pensamento, fomos adentrando por uma produção literária de significação ideológica explícita. A posição do Autor, nessas condições, rompe com qualquer pretensão de neutralidade: mais do que isso, engaja-se, através da obra que produz, assumindo uma posição de intervenção na realidade que analisa. É uma forma de atuação que associa o literário ao político, procurando levantar a opinião de seus leitores para a problemática que denuncia. É sua intenção, parece-nos, transformar o texto em uma arma contra todas as formas de opressão.

A memória, lembra-nos Michel de Certeau (VALENSI, 1994, p. 2), é feita de estilhaços particulares. Como os estilhaços têm a propriedade de espalharem-se, vamos encontrá-los onde não esperamos. Inserido nesse movimento, *Jornada de África* dialoga com a história do

país colonizador e a do mundo colonizado, Angola. Passado e presente se unem, se entrecruzam, como dissemos. Personagens se repetem. Limites expõem-se em conflitos.

Os estilhaços espalhados pelo mundo e pela história também nos levaram, repetimos, a releitura do mito fundamental da portugalidade: o sebastianismo. Se a crença no rei desaparecido teria o sentido de salvação do Portugal decadente e poderia alienar toda uma nação numa espera fatalista, nesse romance a perspectiva é outra, contraideológica, pois o mito é reformado para que seja definitivamente morto. Após o sepultamento dos mortos, vislumbra-se um novo renascimento de Portugal, agora livre de fantasmas e de profecias alienantes. Portugal poderia, assim, viver o seu presente e imaginar uma nova história para seu povo, em termos de devir e reimaginá-la por referência ao passado.

Para essa releitura, algumas indagações surgem inicialmente, quando confrontamos a história de Portugal com os textos de Manuel Alegre. São elas:

Alcácer Quibir foi ontem ou é hoje? Localiza-se no velho Marrocos ou em Angola? Sebastião, o rei, é Sebastião, o alferes? Portugal teve sua vitória ou foi derrotado em Alcácer Quibir ou Angola? Como encarar a derrota do passado, diferentemente da derrota do presente? O presente é o passado ou o avesso deste passado? Para o momento,

limitamo-nos a apontar a imagem mítica do velho do Restelo, criada por Camões em sua obra máxima, *Os Lusíadas*, em que se percebe a morte, e a dúvida contida na hora da imaginada grandeza. E também a imagem do presente como a hora do absurdo, das guerras inúteis, dos terrores vãos, das perseguições sem tréguas.

Esse foi o caminho tomado por nós para a leitura da obra de Manuel Alegre. Não é preciso salientar mais ter sido um caminho em que se evidencia o comprometimento ideológico, que tem balizado a trajetória pessoal do crítico.

Para analisar as estratégias narrativas de *Jornada de África*, partimos da verificação de que no plano da narrativa há um apelo constante à intertextualidade. A história de Portugal e os textos literários vão sendo reconstruídos, assim, através dos fragmentos cujo significado - seja através da estilização ou da paródia - procuramos desvendar. Dessa forma pretendemos problematizar as relações entre o colonizador e o colonizado, a busca de identidade do colonizador dentro de seu universo territorial e também de seu deslocamento para terras estrangeiras. Por outro lado, buscamos apreender a realidade do colonizado, expoliado de sua cultura, inferiorizado no próprio espaço de seus antepassados, com os quais tenta se identificar sem conseguir, porque um outro tempo se instala. Ao mesmo tempo, pelas recorrências constantes à História de

Portugal e à da colonização, fomos motivados a estudar a história portuguesa e suas recorrências literárias.

Outro ponto importante, igualmente associado à história, é a análise do “mito do sebastianismo”, fato que nos levou à interpretação e à releitura desse mito.

Também gostaríamos, nesta introdução, de destacar a dificuldade que tivemos para conseguir material bibliográfico de pesquisa, a começar pelas obras do próprio autor, que nos foram remetidas pela Publicações D. Quixote, a pedido do próprio Manuel Alegre, a quem tenho a agradecer mais essa gentileza.

Outra grande dificuldade foi conseguir o texto original do cronista Hierônimo de Mendoça, de 1607, primeiro relato da batalha de Alcácer Quibir, feito em língua portuguesa e por alguém que foi testemunha viva do dramático episódio vivido por D. Sebastião e seus seguidores. Esse texto raro - que se encontra à espera de verbas para restauração - foi microfilmado na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, que possui o único exemplar disponível em nosso país.

A edição de 1924 de *O Desejado*, obra organizada por Antônio Sérgio, e que é citada constantemente na narrativa de *Jornada de África*, de Manuel Alegre, nos foi conseguida em um setor de livros

usados, em Lisboa, por intermédio de um grande amigo, colaborador e interlocutor que sempre tem sido o Professor Dr. Leonel Itaussu Almeida Melo, docente de Ciências Políticas da Universidade de São Paulo.

As informações históricas e políticas sobre Angola nos foram transmitidas por outro indispensável mestre, o Professor Dr. Carlos Moreira Henriques Serrano, do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo.

A ambos, nossos especiais agradecimentos por terem acreditado em nossa proposta.

Dessa forma, esperamos ter conseguido realizar um trabalho satisfatório. Não dizemos concluir um trabalho, pois as pesquisas nos abriram campo e necessidade de seguir nossos estudos dentro dessa temática tão importante e ao mesmo tempo envolvente.

1. Ficção e Realidade

Para desenvolver a temática escolhida dentro da obra *Jornada de África*, de Manuel Alegre, consideramos a importância de um estudo prévio que nos introduzisse nos discursos sobre a realidade histórica do povo português.

Portugal é um país de características muito próprias, e esses aspectos são importantes para a compreensão de suas reações culturais específicas.

Para entender essa cultura, deparamo-nos com as condições que propiciaram percursos que antecipam historicamente o que veio a ocorrer depois com outros países europeus e também dos fatores psicossociológicos que motivaram o seu povo.

Entre todos os países da Europa, foi Portugal o primeiro a realizar sua unidade nacional e a fixar seus limites territoriais, que são praticamente os mesmos desde meados do século XIII. O processo de independência do condado Portucalense dos reinos de Aragão e Galícia se deveu fundamentalmente à diferença de atividades econômicas da região e à grande rivalidade existente entre os grupos feudais. Na verdade, as camadas populares tiveram grande participação no processo de

independência através de organizações municipais e dos concelhos populares. Havia entre o povo maior liberdade e relações sociais mais avançadas, o que levou a população a lutar para afastar do país as relações de servidão de outras regiões cristãs. Tais noções de autonomia são condições básicas para o tipo de atividade produtiva exercida pelo povo português.

A língua portuguesa tornou-se oficial no reinado de D. Dinis, também conhecido como o Rei Trovador (1279-1325), mas as escolas só vieram a ensiná-la no final da Idade Média.

Desde o reinado de D. Afonso Henriques, Portugal já começou a exercer atividades marítimas. Conseguiu aperfeiçoá-las e desenvolveu uma navegação costeira e comercial. A dinamização dos portos propiciou uma maior atividade mercantil, o que já era tradicional na vida econômica portuguesa com os demais reinos europeus. Portugal comercializava sua produção agrícola em troca de cereais e matéria têxtil. Como constatamos, Portugal já estava se organizando e exercendo uma atividade econômica não muito condizente com as tradicionais funções da nobreza. A realeza baseava-se numa estrutura social imóvel e muito desinteressante para atividades com intuits lucrativos, como já vinha existindo dentro de Portugal.

No final do século XIV, Portugal também veio a conhecer, antecipadamente, uma revolução com características burguesas, que causou mudanças significativas na sua estrutura social. A revolução colocou no poder D. João, mestre de Aviz, filho de D. Pedro I e de D. Ignês de Castro. O monarca chefiou a causa popular a favor da independência, venceu os castelhanos em Aljubarrota e foi aclamado rei nas cortes de Coimbra de 1385. Esse episódio marca a vitória da burguesia e abre um novo caminho que será trilhado pelos descobridores.

Estamos diante da queda da antiga aristocracia, representada pela dinastia de Borgonha, e substituída por uma nova classe, com uma mentalidade que veio se formando e se preparando já em tempos anteriores e que eclode com toda a sua pujança neste momento histórico. São os burgueses mercadores que imporão suas formas de conduta e atividades a partir desta revolução.

Fatos como a tomada de Ceuta, em 1415, a chegada de Vasco da Gama às Índias em 1498 e a descoberta do Brasil em 1500 caracterizam a formação do grande império português.

A respeito das conquistas e da coragem do povo que se aventura em busca de novo mundo e nova vida nos fala Camões, já no Canto I do poema épico *Os Lusíadas* (CAMÕES, 1968, p. 9):

*Pois se a troco de Carlos, rei de França,
 Ou de César, quereis igual memória,
 Vede o primeiro Afonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha glória;
 E aquele que a seu Reino a segurança
 Deixou, com a grande e próspera vitória;
 Outro Joane, invicto cavaleiro;
 quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.*

O poeta insere Portugal e sua história no contexto dos reinos europeus ao colocar seus reis em igualdade com outros de grande fama. No quinto verso refere-se a D. João I e à vitória na batalha de Aljubarrota. Este marco histórico representa a vitória da burguesia e o início do novo caminho para o qual se direcionará o povo português. Ainda em busca de representação literária para os feitos históricos que marcarão a individualidade de Portugal, encontraremos os versos de CAMÕES (1968, p. 24):

*Tão brandamente os ventos os levavam
 Como quem o Céu tinha por amigo;
 Sem nuvens, sem receio de perigo.
 promotório Prasso já passavam,
 Na costa de Etiópia, nome antigo,
 Quando o mar, descobrindo, lhe mostrava
 Novas ilhas que em torno cerca e lava.
 Vasco da Gama, o forte capitão,
 Que a tamanhas empresas oferece,
 De soberbo e de altivo coração
 A quem fortuna sempre favorece,
 Pera se aqui deter não vê razão,
 Que inabitada a terra lhe parece;
 Por diante passar determinava,
 Mas não lhe sucedeu como cuidava.*

Através de recursos mitológicos, Camões conta-nos a viagem de Vasco da Gama e a descoberta de novas e distantes terras, feitos de grandeza que ele só compara aos de divindades mitológicas. E, através dele, a grande bravura e coragem de um povo que vai ter, assim, seu lugar na história.

Se sairmos de Camões, podemos retomar o sentido de seus versos numa outra releitura desses navegantes e seus feitos. Sobre essa etapa, entre outros, assim nos fala Fernando PESSOA (1954, p. 12):

*Ó Mar Salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal !
Por te cruzarmos, quantas mães choram,
Quantos filhos em vão rezaram !
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar.*

Como já pudemos constatar, a Idade Média portuguesa apresentava uma especificidade, pois as relações sociais estratificadas e imóveis que caracterizavam o sistema feudal entravam em choque com a realidade da economia que predominava no reino. O Humanismo português, em consequência, também tem uma imagem individual. Segundo André LALANDE (1968, p. 420-21), em sua obra *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, humanismo é um movimento de espírito, representado pelos humanistas da Renascença e que caracteriza-se por

uma forte tendência para exaltar a dignidade do espírito humano. A sociedade humanista se contrapõe à organização medieval de espírito teocêntrico, pois a visão de mundo dirigida por Deus, Ser absoluto, capaz de ditar as normas sociais, o comportamento individual, de estabelecer o limite entre o bem e o mal, acaba por determinar também uma concepção servil em que o homem nasce para obedecer, para seguir um caminho que já foi predeterminado pelo Senhor absoluto. As reações humanas eram marcadas, de um lado, por uma grande ignorância científica e de outro, por uma profunda religiosidade.

O feudalismo e o teocentrismo podem ser associados em suas decorrências sociais. Podemos dizer que um implica o outro. Nesse sentido, a concepção teocêntrica justifica as condições sociais feudais e procura impedir mudanças que acarretariam invariavelmente uma transformação radical da sociedade.

A Igreja era uma rica senhora feudal. Não tinha nenhum interesse em mudanças sociais. Dessa forma ensina os mistérios da fé e possui um importante papel na educação, o que justifica, em parte, o desconhecimento científico do homem medieval.

Já o conceito de Renascimento é muito mais amplo do que o conceito de Humanismo. Para seguirmos nesse raciocínio nada melhor do que dialogar com Joaquim Barradas de CARVALHO (1980, p. 34).

Segundo o autor, haverá *renascimentos* mais ou menos *humanistas*. Haverá *renascimentos* nos quais o conceito de *humanismo* não cobre senão uma pequena parte, algumas vezes mesmo muito pequena, do conceito de *renascimento*. Segundo Barradas, é este último conceito, indiscutivelmente, o caso de Portugal. O mais correto é estudar sempre o país lusitano como um caso isolado e analisar o que tenha sido o *Humanismo português* e o *Renascimento em Portugal*.

Portugal produz a essa época uma abundante literatura referente ao Ultramar, conseqüência do desenvolvimento da técnica náutica e da experiência vivida pelo povo português, com tudo que ela representa e contribui para o seu Renascimento. Através dessa literatura, podemos constatar que o reino de Portugal está se transformando de forma radical. A obscuridade científica cede lugar à tecnologia a serviço das atividades econômicas. Há um efeito imediato gerado pelo desenvolvimento do comércio: o crescimento das cidades, as quais ganharão novas funções. O espírito do homem medieval fechado no feudo, na obediência ao senhor e aos princípios divinos, ganha uma nova feição. As transformações sociais descobrem um homem dotado de consciência criadora e transformadora, capaz de dominar o universo e transformá-lo. Agora há a certeza de que é necessário o saber. É através do conhecimento que o homem transforma a vida e o mundo. A este

momento histórico de transição a que denominamos *humanismo*, sucede a decadência do teocentrismo, mas esse ainda convive com a busca do saber científico, assim como o feudalismo ainda convive com o desenvolvimento comercial e com o advento de uma classe ascendente, que é a burguesia. Como toda transição, essa situação histórica também vai registrar a decadência de uma estrutura social e o surgimento de outra forma de vida.

Fernão Lopes será a presença intelectual grandiosa desse momento.

A visão histórica do cronista-mor, colocado no cargo pelo rei D. Duarte, segundo monarca da dinastia de Aviz, é bastante inusitada para o seu tempo. A primeira qualidade é a preocupação com a pesquisa, com a investigação da verdade. Não aceita as versões contraditórias dos fatos históricos e submete suas fontes a uma análise rigorosa. No meio de suas narrativas faz comentários que são declarações de sua visão histórica:

...porque a história há- de ser a luz da verdade e testemunha dos antigos tempos, e nós, posto que as não víssemos, de muito revolver livros com grande trabalho e diligências, juntamos às mais chegadas a razão em que os mais dos autores pela maior parte consentem;... (CARVALHO, 1980, P. 35).

Possui uma visão de conjunto, procura apresentar um panorama da sociedade portuguesa em seu todo. Aí aparecem os nobres palacianos, o movimento dos trabalhadores nas aldeias, a vida nas cidades. A essa visão de conjunto une-se a de que o povo é agente das mudanças históricas. Não há a idéia da história feita por heróis individualizados.

Os Descobrimentos são fatos essenciais para Portugal. O país não pode ser compreendido em sua individualidade sem os Descobrimentos e seu *Renascimento*, marco primordial da história do país. O Portugal de antes, da Idade Média, era uma preparação para o seu *Renascimento* e o de depois, da época moderna e contemporânea, é uma conseqüência dos descobrimentos marítimos, do seu *Renascimento*.

Sérgio Buarque de Holanda, (citado por CARVALHO, 1980, p. 17) em sua obra *Raízes do Brasil*, coloca em destaque mais uma especificidade da história portuguesa. Trata-se do aspecto mercantil dos descobrimentos portugueses. Os navegantes lusitanos descobrem novos territórios com um espírito de desenvolvimento comercial repetindo exemplos de colonização já ocorridos na Antigüidade, como a fenícia e a grega. O historiador atribui uma “*fisionomia mercantil, quase semita*” a esse caráter português. A expansão portuguesa é a expansão do comerciante e não a do conquistador que quer fazer da terra descoberta

uma continuidade orgânica da metrópole. A dinastia de Aviz, que a revolução colocou no trono, representada pelos monarcas D. João I (1385-1433), D. Duarte (1433- 1438), D. Afonso V (1438-1481), D. João II (1481-1495), D. Manuel I (1495-1521), D. João III (1521-1557), D. Sebastião (1557- 1578) e D. Henrique (1578-1580), governou Portugal durante dois séculos quase completos.

Muito poucas vezes um ciclo dinástico coincide completamente com um período de características tão próprias e bem definidas. É a introdução de uma nova era da história de Portugal, esta que se inicia com a eleição do rei popular e o seu triunfo na batalha de Aljubarrota e termina com a morte, tornada mítica, de seu último descendente, D. Sebastião, na batalha de Alcácer Quibir.

Os descobrimentos tão fundamentais para Portugal são também uma antecipação histórica em relação aos demais reinos europeus. A descoberta do caminho marítimo para as Índias, em 1498, leva-o ao desenvolvimento econômico que lhe dará o monopólio oriental, iniciado com a chegada a Lisboa dos primeiros navios carregados de pimenta. A partir do momento em que conquista grande poderio comercial, parte para a fundação de um império colonial.

A formação desse império fez com que também se formasse um povo de psicologia muito própria, que vive o apogeu e não encara a

decadência. Vive uma eterna glória, forjada em sua memória coletiva, e não encara a memória histórica verdadeira. A negação sistemática, sob a forma de fugas infundas, uma mentira persistente e uma obstinada capacidade de negar a evidência faz com que esse povo tão peculiar crie uma verdade cômoda, que lhe permite viver sua história e conviver com o seu destino.

1.1. A nova dinastia, a nova política

O triunfo da revolução popular de 1385, que colocou no trono a dinastia de Aviz, representou, pelo menos nos seus primeiros anos, o predomínio das forças burguesas.

Os séculos já vividos da vida nacional mostravam como todos os conflitos tinham origem na precariedade dos recursos internos para o progresso conjunto de todas as classes. É possível e até muito provável que essa insuficiência não estivesse clara e consciente para os conselheiros de D. João I, mas a verdade é que a administração foi orientada no sentido de procurar fora do país os meios de sobrevivência. Os aspectos específicos da nova época são o apoio ao comércio marítimo,

a intervenção do Estado nas viagens para a descoberta de novas terras e novas fontes de riqueza. Há uma progressiva centralização do poder real de acordo com as doutrinas do direito justiniano, aprendido pelos juristas que desempenhavam altos cargos na administração. Embora não pretendamos nos aprofundar em considerações jurídicas, consideramos importante citar que o direito justiniano é a base do direito moderno e fundamentou todas as questões naturais e civis como o poder do Estado sobre os cidadãos, as noções de direitos e deveres dos cidadãos em relação ao Estado constituído, e as relações de sucessão de posses e bens. Tal legalização torna-se importantíssima em um poder absoluto real com novos interesses de investimentos e nova classe social atuando ativamente nesses investimentos, como é o caso da burguesia portuguesa.

No que trata da justiça e do direito, as instituições justinianas estabelecem que a jurisprudência é o conhecimento das coisas divinas e humanas, a ciência do justo e do injusto (*Iurisprudencia est divinarum atque humanarum rerum noticia, justi atque injusti scientia*) (MAFRA, 1985, p. 27-32).

Os preceitos do direito se resumem em viver honestamente, não prejudicar o outro, dar a cada um o que é seu. Dessa forma divide-se esse estudo em duas partes: direito público e direito privado. O primeiro

diz respeito à República Romana e o segundo, considera o interesse de cada um. Deve-se dizer que o direito privado é tripartido, pois é constituído dos preceitos naturais, das gentes e civis.

O direito natural é o que a natureza ensinou a todos os animais. O direito das gentes estabelece que todos os povos se regem por leis e costumes, e usam de um direito em parte seu próprio (direito civil) e em parte comum a todos os homens (direito das gentes propriamente dito).

A base do direito moderno ocidental está nos preceitos de Justiniano, e sua aplicação representou um grande progresso para os povos que se aventuraram em atividades mercantis e que se desvencilharam da vontade pessoal de um soberano ou de apenas uma classe social.

É assim que, durante o reinado de D. João I, o Estado assume a direção das atividades marítimas para o descobrimento de regiões desconhecidas.

O descobrimento dessas novas terras é que suprirá Portugal dos elementos básicos para sua existência como nação até 1975, em pleno século XX.

Importa reafirmar que as atividades marítimas eram muito antigas, bem anteriores à independência portuguesa. Parte significativa da

população vivia da pesca, e entre as espécies mais procuradas estava a baleia. Os pescadores, obrigados por mudanças nas condições climáticas, são levados a buscar tal espécie em mares mais distantes. Essa necessidade fez com que as frotas baleeiras fossem compostas por navios de maior porte.

A pirataria, a necessidade de sobrevivência e a preocupação de ampliar os horizontes de domínio e de atividades colocou os portugueses em contato com o mar. Há notícias de batalhas realizadas em tempos remotos entre portugueses e mouros.

Por volta de 1340 houve expedições oficiais às ilhas Canárias, e também sabe-se que no século XIV roteiros marítimos e cartas de navegação eram feitas em Portugal. Tudo isso nos demonstra uma experiência marítima muito antiga, a que não era alheia a técnica dos árabes e o dinamismo empresarial dos judeus.

Mas só depois do advento da dinastia de Aviz é que o Estado assumiu a direção do que chamamos uma política dos descobrimentos.

A dinastia de Aviz termina como a dinastia antecessora, fundada por D. Afonso Henriques, por uma crise de sucessão muito mais grave e mais profunda do que aquela que, em 1385, havia posto pela primeira vez em crise a independência nacional. Morto D. João III, só D. Sebastião, seu neto de três anos de idade, podia assegurar o futuro da

dinastia. A regência foi então confiada à rainha, depois ao irmão do falecido rei, o cardeal-infante D. Henrique (1562- 1568).

1.2. D. Sebastião - O Desejado: morte de uma nação, início de um sonho

D. Sebastião será o protagonista de uma história que marcará a psicologia de todo um povo. Nos fatos que rodeiam sua vida e sua morte iremos encontrar um desvio de memória, uma quase purificação dos fatos que toda uma nação considera repugnantes. Elementos estranhos serão incorporados à verdade e a modificarão. A formação de uma consciência histórica mais apropriada e aceitável passará a fazer parte da memória coletiva, pois a nação não consegue encarar-se em sua verdade e precisa refugiar-se em crenças que lhe permitam sobreviver dignamente, diante de uma tragédia tão marcante.

Muitos elementos interferem na produção das lembranças, como o silêncio consciente dos sabedores da verdade, a censura, o recalque, o intencional esquecimento. A negação e as mentiras que surgem como conseqüência de todos esses fatores formarão dessa

memória coletiva. A mesma história será contada de formas diferentes e serão encontrados vestígios de vozes vencedoras e vencidas.

Camões dedica sua obra máxima *Os Lusíadas* ao rei D. Sebastião, o jovem monarca:

*Inclinaí por um pouco a majestade,
Que neste tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
Do amor dos pátrios feitos valerosos,
Em versos divulgados numerosos. (CAMÕES, 1968, p. 7)*

Camões nos narra e anuncia que *é no templo eterno da Fama* que o rei há de entrar, quando na plenitude da sua força, na idade inteira. Refere-se à pouca idade do rei e às características que terão certamente seu futuro reinado.

O jovem rei Sebastião assume o poder ao completar catorze anos. É neto e sucessor de D. João III, cujos filhos homens morreram todos em tenra idade, com exceção de um, João, que casou-se com dezesseis anos. Morreu no ano seguinte, deixando grávida sua esposa. Três semanas após sua morte, nasce o príncipe que receberá o nome de Sebastião. Logo após o parto, a mãe retorna à Espanha, pois é irmã de Filipe II. Com a morte de D. João III, em 1557, o único herdeiro,

Sebastião, está com três anos de idade. A regência é dada à rainha Catarina, viúva do falecido rei e depois, até 1568, exercida pelo cardeal Henrique, tio-avô de Sebastião.

O jovem monarca apresenta um caráter instável e inconstante, que poderia ser consequência de uma infância órfã de pai e mãe, em companhia de religiosos, que terão uma influência marcante no seu comportamento. Sebastião possuía crenças religiosas fanáticas e revelava verdadeiro horror às mulheres. Recusava o casamento. Tentou-se várias vezes, sem sucesso, interessá-lo por pretendentes, para assim garantir-se a continuidade da dinastia. Duvidava-se na Europa de sua capacidade física. Feitas as devidas averiguações, concluiu-se que nada o impedia de ser esposo e pai, a realidade é que não gostava de mulheres. Gostava de Deus e das armas. Como podemos constatar possuía um espírito pouco realista, fato já inconcebível e bastante grave em um chefe de estado. Sua mente e crenças estavam em outro século. Sua obsessão pelos mitos de cavalaria e das cruzadas levou-o a fazer voto de castidade e de dedicação a Deus, de quem se achava um emissário.

Sem dúvida, o abandono das terras do Marrocos vai avivar as crenças do monarca. Vê nos fatos um chamado divino e passa a pôr em prática uma política visionária. Acredita que é o momento de reatar a política de seu quimérico antepassado, D. Afonso V. A ocasião de intervir

no Marrocos foi-lhe dada pela luta de sucessão, que dividia o reino de Fez. O desencadear dos fatos históricos faz com que D. Sebastião creia cada vez mais ser um predestinado, um representante divino.

Encorajado por Filipe II e pelo Papa, D. Sebastião atravessou o estreito de Gibraltar com um exército de 18.000 homens que sofreu a 4 de agosto de 1578, um fulminante desastre em Alcácer Quibir. O próprio rei desapareceu no decorrer da batalha e com ele, desaparecia, ou se arruinava, a nobreza de Portugal.

A literatura através de seus versos dialoga com a história e nos conta seus fatos:

*A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente ?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente ?*(CAMÕES, 1968, p.239)

E Manuel Alegre, distante no tempo mas tão próximo nas idéias do poeta Camões, nos transmite seus versos em que a mesma angústia se encontra presente:

*Quantos desastres dentro de um desastre.
Alcácer Quibir foi sempre
passado por dentro do presente
ó meu país que nunca te encontraste.*(ALEGRE, 1989, p. 159)

O enfrentamento ocorreu na segunda feira, 4 de agosto de 1578, por volta das onze horas da manhã, nas vizinhanças do rio Wad al-Makhazin. No final do dia, a morte levara três soberanos, fato por si só inusitado. A expedição foi um desastre para Portugal, perdeu seu rei, sua nobreza e seu exército. Mais do que tudo, perdeu sua posição mundial, pois o país teve de renunciar a suas aspirações de domínio do além-mar, posição que fazia sua grandeza. Logo em seguida perde sua autonomia. Após o reinado do cardeal D. Henrique, tio de Sebastião, Antônio, prior de Crato e primo de Sebastião, não consegue tomar o poder. Filipe II une a coroa de Portugal à de Espanha em 1580, e o controle espanhol dura sessenta anos.

*Alcácer Quibir é ir morrer
além do mar por coisa nenhuma.(ALEGRE, 1989, p.160)*

Essa batalha ímpar, com mortes memoráveis, viverá agora na lembrança de vencedores e vencidos. Tais fatos dão origem ao mito do sebastianismo, uma convicção de que o **Desejado** ou o **Encoberto**, desaparecido misteriosamente, não morreu e deve voltar para salvar Portugal e dar-lhe a dominação do mundo, que repercute até nossos dias, como tema literário de ressonâncias profundas (Quinto Império).

Este tema messiânico, que se exprime já antes de 1541 nas *Trovas* de Gonçalo Eanes Bandarra, um modesto sapateiro de Trancoso perseguido pela Inquisição, foi retomado depois de 1603 pelo Padre Antônio Vieira, e ressurgirá nos séculos XIX e XX, como iremos estudar em *Jornada de África*, de Manuel Alegre, um tema constante no conjunto da obra literária desse autor. Constata-se, nesse sentido, a existência de um antimito na recorrência a esse mito: um Portugal que se faz na modernidade, através de alusões a reis mitológicos e a batalhas visionárias. E versos de Manuel Alegre nos contam:

*É preciso enterrar el-rei Sebastião
é preciso dizer a toda gente
que o desejado já não pode vir.
É preciso quebrar na idéia e na canção
a guitarra fanática e doente
que alguém trouxe de Alcácer Quibir.* (ALEGRE, 1989, p. 164)

A perspectiva é de construção de um novo Portugal.
Construir um país a partir da certeza do que realmente se quer e se luta.
Assim:

*Quem vai tocar a rebate
Os sinos de Portugal?
Poeta: é tempo de um punhal
por dentro da canção.
Que é preciso bater em quem nos bate
É preciso enterrar el-rei Sebastião.* (ALEGRE, 1989, p. 165)

E mais nos diz o poeta:

*Meu cigano do mar. (E o mar enganoso.)
Alcácer Quibir são as armas vencidas
são os ombros vergados e as horas perdidas
quinhentos anos dentro destes anos. (ALEGRE, 1989, p.
159)*

1.3. Portugal e seu mundo individualizado

Também colocamos em destaque os pontos de vista de vários historiadores que são unânimes em afirmar que a precocidade, em história, implica com freqüência a fixidez e conservação do passado, como se as estruturas construídas de forma temporã não possam evoluir e modificar-se senão lentamente. Portugal, com efeito, é o último país da Europa a conservar quase intactas as possessões de além-mar. É também um dos últimos em que se constituiu uma burguesia moderna, que tira sua força da indústria e não do comércio ou da agricultura. É um estado que se fecha às influências supranacionais.

Portugal possui outro traço peculiar. A idéia de uma individualidade geográfica do país não apresenta fundamentos em nenhum ponto. Nenhuma cadeia de montanhas lhe marca fronteiras naturais, e os

grandes rios da vertente atlântica da Espanha deságuam nas suas costas. A explicação para a individualidade não é, pois, de ordem física, mas social. Desde a origem de sua história há uma tendência para o isolamento. Portugal é um dos raros estados europeus cujas fronteiras coincidem com os limites lingüísticos. A língua, consequência dessa unidade política que desde os primeiros tempos da história se estabelece, termina por reforçar a unidade deste país e, mediante as idéias e os sentimentos que divulga, assegura a personalidade do povo português:

*Agora sabe-se que para chegar à Índia
era preciso inventar
a língua. (ALEGRE, 1992, p. 27)*

É a língua sempre presente na autonomia e na afirmação do país e de sua gente:

*Há uma ilha a florir em cada letra
teu canto e tu são nossa rima e nosso ritmo
decassílabos à volta do planeta
homofonia dissonância aliteração
tetrâmetro teorema logaritmo
conjugação de sílaba e fonema
Lusíadas - diziam. E era a nação.*

Esta nação nasceu como poema(ALEGRE, 1989, p.10)

1.3.1. A Expansão Ultramarina: um ato de sobrevivência, uma operação ideológica

Portugal é um território pequeno e sem recursos. Desde o início de sua autonomia havia uma necessidade premente de buscar riquezas em terras distantes e fora da península Ibérica. As atividades marítimas vieram trazer esperanças para os problemas internos, e este povo isolado da política europeia e peninsular buscou uma forma de dominar os mares e as riquezas que daí poderiam surgir.

Ideologicamente, esse país procurou explicar suas ações que envolviam política de povoamento, desenvolvimento de força militar e preceitos econômicos mercantilistas restaurando uma visão passadista de caráter providencial.

Veste-se de uma roupagem bem antiga e propaga ao mundo sua missão de expandir a fé e o império. A dilatação da fé católica, conceito existente na Europa medieval, é um modelo adotado pelos portugueses. Esse modelo justificativo da construção do império é pobre, mas acabou por ser utilizado durante toda a sua história, tanto pelos primeiros navegantes das caravelas como pelo estado totalitário de Salazar, em pleno século XX. E Portugal navega, atira-se aos mares e busca conquistas como nos demonstra o poema de Manuel Alegre, mas nem por isso consegue a autonomia com que sonha. Assim:

*Senhor no mar e em terra dependente
conquistado de cada vez que conquistaste
Alcácer Quibir foi sempre
ires perder-te em cada Índia que ganhaste. (ALEGRE, 1989,
p. 159)*

Salazar recusa-se a usar o termo colônias, mas Províncias Ultramarinas e seu sucessor, Marcelo Caetano, refere-se aos Estados Portugueses. Muda o nome mas não a dinâmica da realidade.

Durante a sua história, revestem-se de uma operação ideológica para justificar a realização de tráfico de escravos, pilhagens de povos conquistados. Instituem o culto da atitude imperialista e revelam-se um povo expansionista e belicista que vão fazê-los confrontar-se com os ideais que irão se expandir por toda a Europa e que de alguma forma atingem certa consciência portuguesa. Assim nos canta CAMÕES: (1968, p. 310):

*Vi quanta vaidade em nós se encerra,
E nos próprios quão pouca; contra quem
Foi logo necessário termos guerra. (CAMÕES, 1968, p. 310)*

É a consciência de oposição já desperta no poeta renascentista e que se mantém acesa através dos séculos, como se pode perceber nos versos de Manuel Alegre (1989: p.151-2):

As colunas partiam de madrugada

*para o norte partiam para a morte
partiam de Luanda flor pisada
levavam morte de Luanda para o norte.*

...
*Partiam as colunas de Luanda
levavam para a morte
a madrugada: flor pisada
ao norte.*(ALEGRE, 1989, p. 151-2)

Na verdade, a vocação marítima do país periférico, que pretendia tardiamente reencarnar o papel dos comerciantes venezianos e genoveses, leva, como conseqüência a uma forma de pensar, a navegar mais profundamente, na verdade, nas águas da pirataria e das feitorias costeiras. Para isso, apoiou-se na fragilidade dos povos que conquistou para estabelecer uma força dominadora que o mantivesse no poder.

A expansão territorial portuguesa faz - se por necessidade de sobrevivência e reveste-se de razões ideológicas que justificam a dominação e os combates promovidos. A colonização propagada como missão colonizadora é a grande mentira dos colonialistas. O estabelecimento de uma história implica pontos antagônicos e desiguais. De um lado a sociedade colonial mantida em condições que impedem toda e qualquer evolução social, de outro a sociedade colonizadora, repressiva e dominadora que pela força desrespeita os valores culturais do povo nativo, impõe suas crenças, sua língua e seus hábitos. Um único deus e uma única língua é a base da dominação. Qualquer dualidade é um enfraquecimento dos valores coloniais e uma forma de dar voz ao

colonizado. Colonizado não pode ter crença, voz ou opinião. Deve ser um apêndice silencioso e obediente. De uma obediência servil.

1.3.2. A marca do conflito eterno: colonizador e colonizado

O que caracteriza a relação entre colonizador e colonizado é o desequilíbrio propiciado pela defasagem econômica que governa as relações econômicas entre as duas nações. No momento em que se abandona o domínio restrito do colonialismo econômico, compreendemos que muitas vezes é necessário inverter os valores dos grupos de oposição, e talvez questionar o próprio conceito de superioridade. Não há supremacia cultural, há um domínio social e econômico, imposto pela força, com violência e desrespeito em relação ao povo conquistado. Se os primeiros encontros são marcados pela ignorância mútua entre duas civilizações completamente estranhas, num segundo momento o poder da força surge e se implanta. Desde o século passado, os etnólogos concordam em assinalar que a vitória do branco se deveu menos a razões de caráter cultural, do que ao uso arbitrário da violência, do que à imposição brutal de uma ideologia. Há a prepoderância de um ponto de vista dominador e nunca um desejo de conhecer.

O homem colonizado precisa superar sua crença de que é inferior e partir para a possibilidade da negação. E como nos afirma Frantz FANON: (1961: p. 10)

Se é verdade que a consciência é atividade transcendental, devemos saber, também que esta transcendência é obcecada pelo problema do amor e da compreensão. O homem é um SIM que vibra face as harmonias cósmicas. Arrancado, disperso, confundido, condenado a ver diluir, uma após as outras, suas verdades, é obrigado a deixar de projetar no mundo uma antinomia que lhe é coexistente.

A partir dessa tomada de consciência é que o homem, liberado de suas amarras, dará sentido a sua vida e a construirá segundo suas próprias crenças. A consciência individual antecede à consciência coletiva e gradativamente criará a necessidade de libertação e de valorização de todo um povo.

Nenhum movimento de libertação nacional pode esperar a vitória se não contar antes de tudo com o apoio total da população. Este apoio virá de forma lenta e sutil. Cada ato cometido pelo colonizador em desrespeito ao colonizado será um pequeno fragmento de obediência que se extingue.

O desprezo pela cultura e tradições do povo será um ponto fundamental que irá minando a situação de pseudopassividade do colonizado.

Não se trata de encarar o Outro pela diferença de cor, mas por suas atitudes, e uma idéia que nos é conferida por FANON (1961, p. 11):

...O Branco é escravo da sua brancura e o negro de sua negrura.(...) é uma realidade: os brancos se consideram superiores aos Negros. (...) Lutamos para a destruição total desse universo mórbido. O indivíduo deve assumir o universo inerente à condição humana. Mas, para atingir esse universalismo, urge desembaraçar-se de uma série de seqüelas.

A respeito de tais afirmações poderemos encontrar comprovações em textos teóricos do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e também na fala da personagem **Domingos da Luta**, em *Jornada de África*, de Manuel ALEGRE (1989, p. 189), que ao ensinar um militante negro explica:

... Domingos sem paciência para responder, está perto de lhe explicar que o inimigo não é o branco, a cor da pele não interessa, o inimigo é o colonialismo...

Colonialismo não tem cor, mas atitudes. Não tem um nome, mas muitos. Tornar-se independente, para cada uma das colônias simboliza um momento de separação entre um passado de humilhação, de desumanização e um futuro diferente a ser construído. O pensamento dos

colonizados pode ser resumido nas palavras de Ahmed Sku Turê, primeiro presidente da Guiné francesa:

... Preferimos a pobreza na liberdade à riqueza na escravidão...Temos uma primeira e indiscutível necessidade: a de nossa dignidade. Ora, não há dignidade sem liberdade. (SERRANO e MUNANGA,1995, p.12).

A independência deve ser a firme consciência para pôr fim às barreiras sociais e raciais. E promover a desmitificação da inferioridade natural dos africanos e o desmantelamento do espectro da superioridade natural dos brancos.

1.3.3. A conquista colonial

A preocupação da nação portuguesa em se estabelecer fora de suas fronteiras territoriais foi sempre uma constante na história de Portugal. Havia uma crença de que ao se fortalecer fora do continente através da ampliação de domínios o país estaria poderoso entre os reinos do continente. Já encontramos textos literários que nos evidenciam essa tendência, desde os primeiros momentos da expansão marítima. Assim, nos versos camonianos que já nos mostravam a clareza de idéias do autor em questão. Tais idéias podem ser vistas nos versos que a seguir citamos:

Quer do tempo tenhais vencido as leis

*Que tudo, enfim, vençais co tempo armado,
Mais é vencer na Pátria, desarmado,
Os monstros e as quimeras que vanceis
(CAMÕES, 1968, P. 247)*

A verdadeira colonização da África e, especialmente de Angola, objeto de nosso estudo, desenvolveu-se a partir segunda metade do século XIX até meados do século XX. Foi uma ação consciente por parte dos países europeus colonizadores que visavam à apropriação das terras, dos recursos humanos e naturais dos povos colonizados com a finalidade de utilizá-los para o desenvolvimento das metrópoles. Tratou-se de um sistema de exploração econômica e de dominação política e cultural.

A conquista dos povos se deu através das diferenças existentes entre os colonizadores e colonizados. Não vemos como afirmar superioridade de povos tão distintos em todos os aspectos. Não resta a menor dúvida de que os europeus, de acordo com sua tradição expansionista, haviam desenvolvido uma tecnologia adequada a seus ideais. Essa tecnologia levou-os à grande aventura de descobrir outros povos e, é evidente, de subjugar-los. Como é próprio do ser humano o hábito de comparar, classificar e hierarquizar, as diferenças tecnológicas existentes entre invasores e invadidos passaram a significar superioridade

de um e inferioridade do outro. A supremacia se faz pelas armas, pela força, e a literatura nos comprova:

*Acenderam-se as armas pela noite a dentro.
Quem rebenta? Quem morre? Quem vive? Quem berra?
Há um vento de lamento nos lamentos do vento.
Metralhadoras cantam a canção da guerra.*

*Não sei se riam se choravam se gritavam
eu não sei que palavras se diziam.
Estão ali estão ali. E disparavam.
E de súbito um berro. E de súbito um estrondo.
E não sei que diziam: se choravam se riam.
Estão ali estão ali. E disparavam.
Às onze da manhã entre Quipedro e Nambuangongo (*
ALEGRE, 1989, P. 152/154)

Em consequência disso, verificamos que o desequilíbrio existente entre colonizadores e colonizados era gritante, mas mesmo assim é um engano se afirmar que a colonização se fez em um clima de facilidade para os conquistadores e de uma reação de impotência por parte dos colonizados. A resistência, embora caracterizada pelo desequilíbrio, foi geral em toda a África. Foram registradas, no continente africano, guerras de resistência organizada que teriam durado de três a trinta anos. Esses movimentos de resistência foram esmagados pelo aparato bélico do invasor ocidental. Na África Central e Meridional os colonizadores encontraram um povo com bases culturais e sociais ainda

flutuantes, e que se encontravam em guerra de dominação uns contra os outros, para afirmar e defender as fronteiras dos respectivos territórios.

O conquistador utilizou-se de uma velha estratégia de guerra baseada no dividir para dominar. Assinou tratados de amizade e de protetorados com alguns chefes, reis ou imperadores tradicionais, fornecendo-lhes armas e munições em prejuízo de outros. Essa política de divisão praticada pelos europeus enfraqueceu os africanos e facilitou a ocupação colonial. Na realidade não houve lutas populares nem alianças de todos os Estados africanos contra a invasão. Houve apenas resistência individual de alguns Estados sob comando de dirigentes fortes que tentaram defender seus territórios e poderes, mas é importante salientar que não passaram de reações isoladas que foram facilmente debeladas pelos europeus.

1.3.4. A realidade espiritual e material do colonizado

Pode-se avaliar o sistema colonial por dois ângulos: o negativo, em que se encara o colonialismo apenas como sistema para servir aos interesses das metrópoles, e um outro positivo, em que se constata que os governos coloniais trouxeram muitos benefícios aos

colonizados. A averiguação do ponto de vista positivo nos leva a verificar que realmente foram construídas ferrovias, hospitais, estradas e escolas, mas a soma de tais benefícios é extremamente insignificante diante da exploração, humilhação e a desumanização por que passaram os povos que hipoteticamente recebiam tais benefícios.

O cotidiano da colônia era formado de mundos separados em todos os sentidos. Pode-se até afirmar que os progressos obtidos pela tecnologia do colonizador, na verdade, só foram realizados por necessidade dos próprios colonizadores habituados a uma realidade diferente junto aos povos conquistados. Os nativos pouco ou nada desfrutavam das benesses. Os conquistadores viviam em bairros selecionados, possuíam atendimento educacional e de saúde, inexistentes para os povos conquistados. Suas moradias eram protegidas dos bairros segregados dos colonizados, pelas características topográficas do solo urbano. Os primeiros tinham conforto incomparavelmente superior aos bairros “indígenas” ou das favelas da periferia das cidades. E dessa forma viviam uma vida que nada se assemelhava à dos colonizados. E os nativos, onde viviam? Responde-nos Manuel ALEGRE (1989, p. 38) em *Jornada de África*:

... E os pretos?

*-estão nos musseques. A esta hora não se atrevem.
E onde são os musseques?
À volta - o Conductor faz um gesto largo com a mão
esquerda. (ALEGRE, 1989, p.38)*

Após quinhentos anos de colonização, os portugueses deixaram em suas colônias um percentual superior a 70% da população analfabeta. Onde ficaram então as escolas construídas para benefício da população local? Isto sem contar a destruição de toda a infraestrutura, promovida pelos colonizadores antes de abandonarem definitivamente as colônias. Sem nos estendermos, é evidente, ao grande índice de mortalidade infantil, subnutrição e miséria em que sempre viveu a população dominada.

1.4. Descolonização: um ato de luta consciente

É necessário estabelecer que o primeiro contato existente entre colonizador e colonizado se dá através de uma relação de ignorância da cultura do Outro e, antes de tudo, trava-se uma relação marcada pelo medo. O desejo de dominar e não de conhecer distancia os povos. Todas as armas serão usadas para efetivar a dominação. Armas que matam,

mutilam e ferem fisicamente, mas também armas que atingem de forma mais violenta ao minarem as raízes, as forças e crenças culturais.

A tomada de consciência dos povos colonizados em relação aos processos de expropriação, de humilhação e desumanização que lhes foram impostos através da força, desencadeou os movimentos de revolta e finalmente de rompimento com o sistema colonial.

Na visão de algumas pessoas que não se preocupam em fazer uma análise cuidadosa da realidade histórica colonial, houve uma vontade deliberada das potências coloniais de abrir mão de seus direitos adquiridos, ou seja, afastarem-se de suas colônias entregando-as aos nativos por livre iniciativa. Se assim fosse, as independências não teriam sido conquistadas, mas concedidas. Trata-se de um engano bastante grande, já que a história nos mostra a existência de lutas violentas e trágicas na trajetória da descolonização. Deve-se o quanto antes, pelo bem da verdade, substituir a irreal visão eurocêntrica da descolonização por uma visão africana, mais brutal, mas fiel aos acontecimentos históricos. Das mais diversas formas, muitos autores registram fatos que marcaram essa violenta guerra, Assim:

*É a cadeia de São Paulo, diz o Conductor.
Foi aqui o ataque de 4 de fevereiro. Se tinham ido aos
quartéis estávamos feitos. Só havia guarnição normal,
podiam ter tomado conta de Luanda.*

Vieram às centenas, meu alferes, nem queira saber, diz-se que estavam drogados. Traziam amuletos para que as balas dos brancos não lhes fizessem mal, atacavam com canhangulos e catanas, trepavam pelos muros e caíam ao pé do portão. Foi preciso varrê-los à metralhadora, o fim da macacada. Alguns levavam cinco ou seis tiros e ainda vinham golpear as portas à catanada, uma coisa do carago, parecia bruxedo, os filhos da puta estavam convencidos que não morriam e não morriam mesmo, era preciso acabar com eles à rajada, mas às vezes nem assim, torciam-se no chão, deitavam espuma pela boca, aquilo era raiva, cuspiam os bofes mas tinham mais de sete fôlegos. Um deles parecia morto, vai um guarda e aproxima-se, nisto o gajo atira-se a ele à dentada e arranca-lhe metade de uma orelha. Alapou-se ao homem com tanta gana que foi preciso cortar-lhe as mãos. (ALEGRE, 1989,p.45)

Há a violência de quem luta por uma crença, por uma verdade que está dentro de cada um. A verdade que constrói uma nação.

A descolonização é produto de movimentos nacionais que cercaram o colonialismo, obrigando-o a abrir mão daquilo que tinha tomado pela força. Essas lutas receberam apoio e solidariedade de outros povos, movimentos e idéias.

1.4.1. Angola, nacionalismo e revolução

Angola, como toda a África, teve sufocados seus valores culturais seculares. O tribalismo, distinto de região para região, cria

países heterogêneos e de quase impossível aliança. Dessa forma as lutas de independência tornam-se mais acirradas, com uma forte presença de auto-afirmação. Os pressupostos nacionalistas dos povos africanos e diretamente nas literaturas africanas sujeitas a situações coloniais de grande opressão, baseiam-se em valores mais fortes do que os reivindicados, em muitos países, por intelectuais e ativistas arrebatados de patriotismo. Essas lutas patrióticas clamam contra ditaduras, buscam implantar sistemas de governo baseados em ideologias políticas definidas. Todas as formas de reação são válidas: desde a luta armada até atitudes que caracterizem uma forma de luta, ao transformar a maneira de pensar, de agir e de ser dos povos do país. Em *Jornada de África*, Manuel ALEGRE (1989, p. 12-13) nos apresenta uma reação consciente feita através da educação:

... O Dr. Ribeiro, republicano histórico, acreditava na instrução. Todos os anos tomava a seu cargo dois ou três rapazes sem posses, aprovados com distinção no exame da 4^a. série. Era, dizia, uma forma concreta de combater Salazar.

... Explicam que, de uma maneira geral, os movimentos nacionalistas nasceram no quadro do regime fascista instalado em Portugal há mais de trinta anos...

A oposição tem uma ideologia definida e um inimigo declarado, que deve ser exterminado. Segundo Álvaro CUNHAL (1976, p. 20):

durante dezenas de anos gerações e gerações de portuguesas e portugueses deram tudo de si próprios - muitos deram a vida - na luta contra a ditadura fascista e pela liberdade. Foi uma luta heróica dos trabalhadores, do povo, dos comunistas e outros democratas. Não contra fantasmas, mas contra o fascismo na sua expressão portuguesa. Antifascistas se chamaram e antifascistas foram.

Esses rebeldes diferem dos lutadores africanos, pois não necessitam afirmar-se como povo de valores culturais distintos do poder dominador. O nacionalismo nos países africanos transcende a dimensão cultural, possui reivindicações mais abrangentes, como uma forma de autonomia, de originalidade e de oposição às influências estrangeiras. Torna-se verdadeira doutrina política que atribui à Nação um valor absoluto, valorizando tudo que lhe é próprio.

Desde o século passado, com o advento da etnologia como ciência, afirma-se que o domínio dos colonizadores sobre os povos colonizados se deu antes de tudo pela força, pelo uso arbitrário da violência, pela imposição de uma ideologia e nunca pela supremacia cultural do povo dominador. O colonizador desejava a dominação e não

possuía nenhum desejo de conhecer e compreender o povo desconhecido que tinha diante de si. O povo conquistado deveria ser cópia do conquistador. Deveria ser evitado o pluralismo de toda espécie, principalmente o religioso e o lingüístico. Esses dois valores marcam a autonomia e independência de um povo. A unidade é a única medida que conta. E, nos diz Jacques DERRIDA (1972, p. 234), que *O signo e o nome da divindade têm o mesmo tempo e o mesmo lugar de nascimento.*

Isso nos leva a entender que os sistemas semióticos são a fonte básica para a transmissão da autonomia de um povo, e a divindade é a sustentação ideológica dos valores culturais. Impor tal unidade é e foi a única maneira de se realizar o poder colonizador.

Falar, escrever, tem uma significação clara, como nos afirma Silviano Santiago (1978, p. 25). Será falar contra, escrever contra, buscando cada qual sua linguagem e estilo, mas sempre a salientar a oposição fundamental.

As colônias portuguesas em África tiveram suas lutas de libertação muito antes do ardor da guerra armada, que se deu no período de 1961 a 1975. Muitas formas de resistência foram empregadas pelos povos conquistados desde o século XVI. Um importante instrumento de luta contra o colonialismo português foi a literatura politicamente engajada em movimentos de oposição. Trata-se da produção de

importante literatura de protesto e denúncia realizada desde o início do século XX por autores autóctones, principalmente jornais nativistas, tanto em Angola como em Moçambique. Essas obras eram divulgadas com muita dificuldade dentro das colônias, evidentemente para uma parte da população já alfabetizada, e era também transmitida oralmente nas comunidades. A publicação e divulgação era feita em países estrangeiros, como Brasil e França. E embora fossem escritos dentro de Portugal, já encontravam uma violenta censura, por parte do regime português que, contrário à descolonização, tentava impedir que idéias libertárias viessem minar a própria realidade do sistema ditatorial vigente na metrópole. A ditadura salazarista mantinha um regime policial violento e se sustentava ideologicamente numa imagem de grandiosidade mentirosa, que mantinha a maior parte da população inebriada pela imagem de um Portugal próspero e poderoso. O governo português via nas colônias o sustentáculo de seus ideais fascistas que vinham gradativamente sendo minados por dentro, por suas próprias atitudes de violência. Gerações inteiras passam a viver em um mundo clandestino, em um mundo de sombras, para poderem lutar por seus líderes, quase sempre presos ou foragidos. Muitos se refugiam em países estrangeiros. Paris torna-se a capital da revolução e dos revolucionários, não importa de que bandeira ou de que continente. Na França poderiam reunir-se, organizar-se e até conhecerem-se em suas

identidades e diferenças. Poderiam, em solo estrangeiro, criar seu conceito de nação e pátria, e assim o fizeram:

*... Ninguém sabia ao certo quem era quem, quase todos usavam pseudônimos, alguns até sem necessidade... naquele tempo em que tudo se misturava, a revolução, o amor, o mistério, a aventura, por vezes a morte.....
... Desta forma reagiam os Espanhóis, de outra os Portugueses ou Latinos, Bascos ou Palestinos...
... incapazes, como eu, de se despojarem da individualidade própria e do impulso libertário...
(ALEGRE, 1989, p.35)*

A França, embora colonialista, recebia diretrizes políticas de um governo legítimo, e dessa forma acolhia com liberdade os combatentes de todas as nações:

... o Exército francês recebia diretrizes políticas de um governo legítimo, actuando, portanto, em função de uma escolha da nação francesa democraticamente expressa. Em segundo lugar, na própria Argélia, apesar da guerra e das limitações dela decorrentes, a liberdade política nunca foi totalmente suprimida. Aqui, como na Metrópole, a situação não é propriamente essa, como toda a gente sabe (ALEGRE, 1989, p. 65)

1.4.2. A crise da ditadura: uma situação revolucionária

A situação interna de Portugal era extremamente repressiva e, embora estejamos preocupados em focar a situação vigente no regime salazarista, podemos, através de nossas pesquisas, encontrar exemplos de repressão em vários momentos da história de Portugal. Almeida Garret, entre outros autores, por exemplo, já registra tal tendência dominadora que levou muitos patriotas a procurar abrigo solitário entre povos estrangeiros:

... Solitário

No meio das cidades, das campinas

Vai após de esperança mal segura

que deixou amigos, país e pátria

Para fugir ao açoite da injustiça. (ALEGRE, 1989, p.183)

Os anos se passavam e a ditadura fascista vivia em seu interior inúmeras contradições, que corroíam as bases de apoio social, político e militar. Na década de 60, a ditadura entrou numa crise geral que se foi agravando até à situação revolucionária que proporcionou a insurreição. Com o agravamento da situação interna, a maior exploração das classes trabalhadoras e o rápido empobrecimento da classe média, foi reduzindo-se o campo de apoio da ditadura. Alargou-se dessa forma a base de apoio das classes revolucionárias, o que ocorre principalmente entre a juventude.

A guerra colonial, injusta como todas, sacrificou a vida de milhares de jovens, enlutando famílias e acumulando encargos

insuportáveis para um país pequeno e pobre como Portugal. Ao lado disso vamos encontrar as milícias portuguesas sofrendo constantes revezes nos campos de batalha.

A ditadura portuguesa, moldada com todas as características do fascismo italiano, tem em Mussolini o líder de Salazar. Para sua sustentação perseguiu, fez prender, torturar, com frequência até à morte, condenou por vinte ou mais anos de prisão e mesmo assassinou muitos dos que se opunham à ditadura. Criou uma polícia política toda poderosa, **a PIDE**; uma milícia fascista, **a Legião Portuguesa**; uma organização paramilitar da juventude, **a Mocidade Portuguesa**. E, nos rituais políticos, copiou as marcas do fascismo. Álvaro CUNHAL (1994, p. 28), em sua obra *A Revolução Portuguesa, o passado e o futuro*, nos relata a existência de uma foto típica de **Marcelo Caetano**, quando comissário Nacional da Juventude Portuguesa, com uma farda e boné de tipo militar e braço estendido “à boa maneira fascista”: *Mais que um retrato de um homem é o retrato de uma época* (CUNHAL, 1994, p. 28).

Durante dezenas de anos, muitos portugueses deram sua vida contra a ditadura e em favor da liberdade. A prisão tirou dias promissores de muitos, a clandestinidade acolheu outros e o exílio abrigou um grande número. É uma vida de sacrifícios, assim definida por Manuel ALEGRE:

Solitário
por entre a gente eu vi meu país.
Era um perfil
de sal
e abril.
Era um puro país azul e proletário.
Anónimo passava. E era Portugal
que passava por entre a gente e solitário
nas ruas de Paris

Minha pátria sem nada
sem nada
despejada nas ruas de Paris (ALEGRE,1989, p.185.)

Registra-se assim a solidão do exilado que vê em torno de si as raízes perdidas e que sonha com a volta ao que é de seu direito . Sente-se alheio ao real, pois o real está longe, na pátria que lhe foi tirada:

Éramos vinte ou trinta nas margens do Sena.
E os olhos iam com as águas.
Procuravam o Tejo nas águas do Sena
procuravam salgueiros nas margens do vento
e esse país das lágrimas e aldeias
pousadas nas colinas do crepúsculo.
Procuravam o mar.

Éramos vinte ou trinta nas margens do Sena
sentados
ausentes.

Éramos vinte ou trinta nas margens do Sena
onde o vento cantava
uma canção estrangeira.
E os olhos iam com as águas. (ALEGRE,1989, p. 186-87)

É fundamental a compreensão do clima de opressão vivido pelo povo dentro de seu próprio território. As pessoas procuram tomar posições em relação à problemática interna, mas não podem fechar os

olhos para os líderes banidos e presos que se encontram fora do país. Não podem ficar indiferentes diante das centenas de jovens que são obrigados a viver na clandestinidade, expurgados da realidade de seu povo e de sua geração.

Para tentar conseguir apoio da população, o governo apela para antigas crenças do povo português. Apela para o mito de bravura e coragem que transformou o pequeno país insular em império colonialista. Apela para a memória coletiva, feita de imagens irreais mas convincentes para a grande maioria da população que deseja acreditar nos mitos da portugalidade, tão prósperos de imagens utópicas e quiméricas. D. Sebastião, que voltará para inaugurar o quinto império, terá em Salazar seu substituto, e no regime fascista do ditador, a retomada de antigas promessas. E assim se vê diante do sentimento da realidade que só traz angústia e que o faz sentir a frustração do engano:

*Porque tiveste o mar nada tiveste.
A tua glória foi teu mal.
Não te percas buscando o que perdeste:
procura Portugal em Portugal (ALEGRE, 1989, p. 189)*

Muitas foram as razões ideológicas que vieram justificar a dominação e os combates. A missão civilizadora que encobria as atitudes colonialistas não funciona com a eficácia esperada e rapidamente começa

a não convencer a população portuguesa, que vê a grande mentira com a qual tem convivido durante todo o tempo e constata que a sociedade colonial é feita de valores antagônicos fundamentais. De um lado o povo peninsular, que vive seus problemas internos e tem de encarar a opressão e os problemas daí decorrentes, como autores que são censurados, escolas cerceadas em seu desenvolvimento científico, professores proibidos de lecionar e alunos impedidos de desenvolver-se no mesmo nível que seus contemporâneos europeus. De outro, uma guerra que aniquila a dignidade de uma juventude obrigada a cumprir uma missão na qual não acredita, mesmo diante de todo o trabalho publicitário exercido pelo regime. Nesse clima de repressão é que a população tem de encarar a dor de ver seus filhos partindo para uma guerra com o risco de não voltarem, ou se o fizerem, muitas vezes mutilados física e mentalmente:

.... O Condutor apanha-o a meio da Avenida da Restauração, diz-lhe que passou a tarde de ontem a procurá-lo há um recado para ele, que raio será, o condutor não sabe, quem sabe é o oficial de dia.

Jorge Albuquerque chegou do Norte ferido, pediu para te avisarem.

É grave ?

Amputaram-lhe a perna esquerda.

.....

Entra Sebastião no hospital e vê: sentado a um canto um soldado maneta segura um caderno com o coto e tenta escrever com a mão esquerda.

.....

Faltam braços, mãos, pernas, pés. O mal estar cresce por dentro de Sebastião, tem a sensação de que o acusam por inteiro. Passa um numa cadeira de rodas empurrada por um enfermeiro. Não lhe falta nada mas não mexe, nunca mais mexerá. Coxos, manetas, paraplégicos. O resto ficou nas picadas. Angola é nossa, venham ver, há bocados de carne por aí, são pedaços de Portugal florindo algures no mato, sangue e merda.... Para Angola e em força, braços, pernas, mãos. (ALEGRE,1989, 167-69)

Ao lado desta realidade ainda temos um país que não vê o progresso anunciado e não consegue viver com tranqüilidade econômica, já que o pouco que é tirado das colônias é investido em campanhas bélicas extremamente dispendiosas. E assim pode-se ouvir o clamor de todo um povo nos versos de Manuel ALEGRE (1989, p. 188):

*Em chão estrangeiro a dor por ministério.
Pátria exportada: Império novo
ou cemitério?
Império da miséria o quinto império.
E o estrangeiro é meu povo.*

2. Interrogar o tempo, decifrar os sinais

Ao estudar a produção literária de Manuel Alegre, encontramos um poema que consideramos fundamental na análise do imaginário do povo português e da necessidade de se superar essas crenças para se criar uma nova nação. O que consideramos uma releitura do mito em *Jornada de África*, é também reafirmado em outros textos. O poema citado a seguir não deixa dúvida quanto a sua visão e intenção de mensagem a ser transmitida. Dessa forma o citamos como mais uma documentação para confirmar a leitura que fazemos do texto, *Jornada de África* de Manuel ALEGRE. Assim:

Explicação de Alcácer Quibir

*Quantos desastres dentro de um desastre.
Alcácer Quibir foi sempre
passado por dentro do presente
ó meu país que nunca te encontraste.*

*Senhor no mar e em terra dependente
conquistado de cada vez que conquistaste
Alcácer Quibir foi sempre
ires perder-te em cada Índia que ganhaste.*

*Meu cigano do mar. (E o mar foram enganoso.)
Alcácer Quibir são as armas vencidas
são os ombros vergados e as horas perdidas
quinhentos anos dentro destes anos.*

*Alcácer é estar aqui
a ver morrer o Sol em cada tarde.
E este riso que chora. E esta sombra que ri.
Este fantasma sobre a nossa idade.*

*E esta paz como guerra. Este plantar o pão
que os outros comem.
Este Alentejo de desilusão em cada homem.*

*Estes barcos que partem com homens e armas
não já para colher além do mar a terra
mas
para levar além do mar a guerra.*

*E naufragar de novo. E de novo perder
além do mar o que se deixa em terra. (Porque o mais é
espuma.)
Alcácer Quibir é ir morrer
além do mar por coisa nenhuma.*

*Alcácer Quibir és tu - Lisboa ajoelhada
nas armas que em teus barcos vão partir.
Lisboa - Alcácer Quibir
por tuas próprias armas desarmada.*

*Lisboa ajoelhada nestas armas
que em longes terras vão perder-te. E vão
nos barcos que te levam as naus fantasmas
com que se foi el-rei Sebastião.*

*Alcácer Quibir és tu Lisboa.
E há uma rosa de sangue no branco areal.
Há um tempo parado no tempo que voa.
Porque um fantasma é rei de Portugal.(ALEGRE,
1989, p. 159/160)*

E, evidenciamos que Portugal precisa se reerguer acima de suas tradições e crenças para poder existir na justiça. Só a partir dessa certeza é que poderá se respeitar enquanto nação. Novas jornadas se farão necessárias e se completarão, nada poderá ficar em suspenso.

Essa nova jornada, a ***Jornada de África***, nos levará por um caminho em busca do destino de dois povos que se unem e se tornam

individuais e coletivos, autônomos e dependentes. A epopéia do nascimento de uma nação que se libertará de outra, que descobrirá, sem dúvida, seu caminho providencial.

O jogo das antíteses tornar - se - á uma constante em todos os momentos dessa narrativa de Manuel Alegre. Uma narrativa heróica e anti heróica com base na história de um povo que será subvertido em suas bases. Todos os valores progridem da unidade para a diversidade e de uma tentativa de se recuperar os mitos presentes em sua história. Recuperar esses mitos será descobrir o quanto são prisioneiros dessas crenças e que talvez matar o mito seja a forma de reconstrução. Para Manuel Alegre (1989, p. 231):

... Talvez o Quinto Império seja afinal o fim de todos os impérios. O Grande Império do Averso, o Anti-Império.

*(...) Talvez tenhamos de não ser para podermos voltar a ser. E em outro momento nos diz: ... Tropas do Quinto Império, embarcam na **Mensagem** e não n'Os **Lusíadas**, a cada tempo o seu cantor e o seu profeta, já foi a hora da grandeza, esta é a hora absurda (ALEGRE,1989, p.231)*

A memória de um mundo distante, e ao mesmo tempo tão palpável na vida da nação, afasta todo o país do presente que deve ser transformado para que exista em sua força de vida e para que esse povo exista novamente como uma nação de verdade. A estagnação deve ser

substituída pela ação consciente que nascerá do conhecimento da realidade.

Os mitos recuperados criarão um mundo de simultaneidades pois os antimitos é que estarão vivos e serão a história do presente.

Alcácer Quibir será revivida nos tipos humanos que vão se apresentando no decorrer dos capítulos, e o perfil de um povo vai sendo delineado. Alcácer transforma-se em Angola e os guerreiros de farda amarela, com a mais amarela de todas as fardas, desembarcam, não de uma nau, mas de um avião.

*.....partem com homens e armas
não já para colher além do mar a terra
mas
para levar além do mar a guerra. (ALEGRE,1989, p. 160)*

Partem, para ... o bafo quente e húmido da noite. O ar de África, no mês de junho, mês de partidas. Junho é o mês do embarque, pode ser o da glória ou o do desastre. (1989, p. 159)

*... E naufragar de novo. E de novo perder
Além do mar o que se deixa em terra. (Porque o mais
é espuma.)
Alcácer Quibir é ir morrer
além do mar por coisa nenhuma.*

E sentir-se parte da *História Trágico - Marítima.*

A face do povo português será mostrada pois ele deseja conhecer-se, deseja se ver depois de séculos, livre da imagem estilhaçada em um espelho distorcido pela memória e pelo tempo. Este povo não sabe que caminho seguir para encontrar seu eu. Talvez esse eu esteja no outro, nas dores e sofrimentos do outro, em uma cultura alheia. Olha de frente esse outro e percebe que existe uma grande identidade nessa desigualdade. A liberdade de um representará a libertação do outro. Assim, a morte de um será a ressurreição do outro ou de ambos. Os destinos estão ligados e o rompimento representará um renascimento dentro da autenticidade que deverá surgir pela primeira vez.

A teoria que conceitua o **herói** relaciona-se diretamente com uma concepção humana da narrativa. É de se lembrar que o texto narrativo existe e se desenvolve em função de uma figura central, um protagonista que se destaca das restantes figuras que povoam o enredo. Todas as categorias se organizam em função do herói, cuja posição na ação, no tempo e no espaço revelam ser ele o centro de toda a narrativa. Se tomarmos como base as mais diversas correntes de estudos sobre a narrativa, estaremos sempre diante da importância do herói. Ao consultarmos o *Dicionário de Narratologia*, verificamos o estudo em que o Renascimento e o Romantismo constituem períodos privilegiados para a caracterização do herói narrativo.

No Renascimento, marcado pela força cultural da Antigüidade Clássica, o herói corporiza a capacidade de afirmação do Homem, na luta contra a adversidade dos deuses e dos elementos. Já no Romantismo, estamos diante do herói num cenário de ideais e aspectos sociais e históricos diferentes. É o indivíduo isolado e em conflito com a sociedade, seja no nível individual ou coletivo. As normas da vida social inviabilizam a realização dos ideais incorporados pelo herói. É nesse momento que a crise toma corpo e cresce gerando a angústia e instabilidade que marcarão o herói romanesco. Consideramos importante irmos ao estudo de G. LUKÁCS (1975, p. 42), e verificarmos que para o autor, na epopéia está em destaque o destino da comunidade; é estabelecido um sistema de valores fechados ao se criar um todo demasiadamente orgânico e impedir que um só elemento se isole para descobrir sua personalidade. Para Luckács, a psicologia do herói é demoníaca e o conteúdo do romance é a história dessa alma que vai seguindo pelo mundo para conhecer-se. Só através dos reveses é que descobrirá sua essência fundamental. É aqui que faremos um relacionamento direto entre a obra épica clássica e o romance e seus valores. Se, como foi dito, na epopéia a preocupação maior é o destino coletivo, no romance também a preocupação não será a análise do caminhar individual de um ser, mas esse ser como reflexo de uma

comunidade e a necessidade de lutar para se chegar à transformação necessária.

Se o herói épico não é jamais um indivíduo, o objeto de sua obra não será o destino pessoal, mas o de uma comunidade. A narrativa *Jornada de África*, de Manuel ALEGRE, possui uma característica épica pois a problemática de **Sebastião** não é só a do indivíduo. Não são apenas as angústias e dúvidas do alferes que vai deixar seu país, família e amores para se jogar em uma guerra que não entende ou melhor, entende e repudia. Em suas angústias vão incorporadas as do próprio povo português, oprimido pela ditadura e pela penúria econômica e ideológica em que vive. Sabe-se que:

...os movimentos nacionalistas nasceram no quadro do regime fascista instalado em Portugal há mais de trinta anos. Nunca puderam agir à luz do dia,...) tendo sido obrigados à clandestinidade desde o princípio, sujeitos a uma dupla opressão: a que resulta do sistema colonial e a que lhes é imposta pela natureza do regime português. (grifo nosso)
(ALEGRE,1989, p. 13)

Sebastião, o alferes, é a juventude portuguesa numa grita de liberdade e de mudanças que se fazem urgentes na vida da nação. O ser a funcionar como um símbolo que nos coloca diante de dois homônimos e dois tempos. Sebastião, o contemporâneo alferes, que “*partilha a*

saudade e a inquietação do que não há”(ALEGRE,1989, p. 20) e D. Sebastião, o mítico rei desaparecido na batalha de Alcácer Quibir e que levou consigo as ambições de poder de toda uma nação. E assim:

*(...) Na rosa de sangue das armas vencidas
que caem no branco do branco areal
sob as armas que ferem é mais do que um rei
quem assim cai. É mais do que um cavalo branco:
quem assim cai vencido é Portugal. (ALEGRE,1989,p. 147)*

Os destinos começarão a se misturar em um bailado simbólico e repleto de coincidências. Por outro lado o acontecimento apenas se reveste de importância significativa por estar relacionado com a felicidade ou infelicidade de um grande complexo humano. O acontecimento são duas guerras: Uma interna, a ditadura salazarista, e outra externa, a guerra cruel que Salazar sustenta em Angola. O regime destrói para não se deixar destruir, mata para acreditar que não morrerá. E em busca do poder eterno esconde-se da verdade:

... Deixe andar, é um sacrifício necessário, só assim poderemos contar com o apoio do país e do ocidente.”
... O Chefe quer assim, talvez tenha razão, por cá ninguém se preocupa com o destino da Província, talvez o sangue acorde o país, talvez depois seja mais mandar a tropa.... (grifo nosso). (ALEGRE,1989, p. 11-12)

O herói rei, costumeiro em uma obra épica, possui a significação de que o indivíduo tem um grande peso no destino da totalidade do povo. Na obra estudada, não temos exatamente o rei, mas um Sebastião que se vê com o destino do rei mitológico e que desaparece deixando sonhos e promessas.

Infelicidade e frustrações se encobrem para que se possa acreditar no que realmente se quer acreditar. O personagem é igualado ao herói e por sua vez corporifica a coletividade. Nasce da alteridade do mundo exterior. Esse mundo é exterior ao eu individual e também vai se igualar à exteriorização, à própria pátria. Sebastião embarca em junho. Para onde ?

Para onde vai ? Uns dizem que vai a Ceuta, outros que vai à Sicília". Ele sabe que vai para o raio que o parta, sem povo nem festa nas encostas. Só as guitarras, um calor de rachar e um avião à espera com destino a Luanda. (ALEGRE,1989, p. 25)

2.1. Retorno, remorso: o luto impossível

Segundo Lucette VALENSI (1994, p. 17-19), em sua obra *Fábulas da Memória*, são necessários muitos mortos, muito tempo, muitos passos também, para que um cemitério encontre sua realidade funerária. É preciso, em suma, que os mortos façam sua terra.

Ao pensarmos sobre esse ponto de vista, diante de nós surge a imagem da história de Portugal. A morte distante e filhos desaparecidos fizeram parte da saga portuguesa. Navegantes, pescadores e depois guerreiros não tiveram seu funeral, deixando os seus à espera de um morto que não viram e de um luto que não aceitam. Tal realidade passa a fazer parte da psicologia de toda uma nação. O rei Sebastião segue o mesmo ritual de seus súditos desaparecidos. Disfarçava-se a verdade a fim de enganar a espera. A psicanálise nos afirma que o que é desejado é colocado de maneira alucinatória. E, nos escreve FREUD (1985, p. 135-39), que o recalque afasta o sujeito da realidade porque ele a julga intolerável. Segue afirmando que o tipo mais extremo dessa maneira de se desviar da realidade nos é proposto por certos casos de psicose alucinatória, nos quais deve ser denegado o acontecimento que provocou a loucura. Portugal tem na sua memória uma derrota que tenta afastar, uma perda irreparável que se recusa a aceitar. Segundo Oliveira Martins, o messianismo português nasce da derrota e Sebastião faz um Renascimento fracassado, pois em vez de reorganizar as instituições do reino, lança-se em uma aventura impossível. Seu governo foi uma quimera e Portugal em sua loucura coletiva de não reconhecimento da realidade, segue essa quimera que indica o enfraquecimento de toda uma nação.

Portugal é o encoberto. Todo um povo espera uma salvação que não sabe de onde virá. E, nessa espera, agoniza.

2.2. Mitos, rituais e desmitificação

Os mitos são narrações de significação simbólica e que encerram uma verdade cuja memória desapareceu no tempo. São fatos ou pessoas que assumem um valor na crença popular e independem de uma investigação sobre sua veracidade.

As crenças nos mitos ajudam a perceber uma dimensão da realidade humana e trazem à tona a função simbolizadora da imaginação.

A lembrança apresenta estranhas discordâncias e será encontrada no tempo e no espaço das mais variadas formas de elaborações de uma possível realidade.

Cada sociedade conheceu momentos trágicos, crises e rupturas que exigiram uma revisão dos próprios procedimentos e pontos de vista além de uma elaboração do traumatismo vivido. É difícil para os contemporâneos das grandes tragédias reatar com a condição de ser normal num mundo comum. Com o correr do tempo, opera-se uma decantação das lembranças. O que percebemos é que o líder social ou

religioso possui um *status* de salvador, não porque possua tal posição dentro da ordem estabelecida e sim pelas qualidades pessoais extraordinárias que sua autoridade lhe concedeu e que, com o passar do tempo, a própria imaginação popular vai construindo. Torna-se um líder carismático e deve-se entender por carisma a qualidade extraordinária que possui um indivíduo que é considerado ora como possuidor de forças sobrenaturais ou pelo menos especificamente extraquotidianas, que não estão ao alcance de nenhum outro indivíduo, D. Sebastião, em Portugal, foi rei jovem e morreu ainda muito jovem. Sua juventude coloca em sua figura uma auréola de diferenciações. Assumiu, por sua educação feita por religiosos, uma personificação de “santidade” e de considerar-se um possível salvador dos povos infiéis ou da defesa dos fiéis contra a ameaça que os pecadores representariam um perigo por sua influência e até da proximidade de suas fronteiras. Em vida, julgava-se um enviado divino e, após sua morte trágica, desenvolvem-se lendas. Não se quer acreditar em seu desaparecimento, e seu retorno passa a ser esperado de forma messiânica.

Por sua vez, esse difícil esforço participa de um movimento mais amplo que é a formação de uma consciência histórica, de uma memória coletiva. Sabe-se que, quando se trata de psicologia individual, o par memória e esquecimento não esgota as operações que fazem sobre a

experiência vivida, e que a produção de lembranças não é o único processo ativo que entra em jogo. Silêncio, censura, obliteração, recalque, amnésia, negação, mentira também fazem parte da formação da memória.

A memória coletiva reage da mesma forma, e a elaboração da memória da batalha de Alcácer Quibir constituirá um objeto histórico.

O dia é 4 de agosto de 1578. Pouco se soube em Portugal, sobre os fatos, através das narrativas orais. As notícias da África tiveram grandes dificuldades para abrir caminho e chegar até a população. Exerceu-se uma censura oficial sobre as palavras e escritos, e os portugueses não conseguiram apreender a extensão da tragédia. O segredo imposto foi uma forma de impedir que os boatos se transformassem em verdadeiras notícias. Somente a 22 de agosto a derrota foi confirmada. Segundo os cronistas, os homens falam, as mulheres do povo gritam pelos filhos e maridos, e as da aristocracia escondem-se atrás das paredes de suas casas para estravazar seus soluços. Uns e outros ainda esperam além da esperança. Como realizar esse luto por uma morte não vista ? Onde está o rei, seus nobres e guerreiros? Onde está a grandiosidade prometida, o império e o poder acreditados como real?

O que ouvem os portugueses é o dobre de finados. O fim da dinastia, a inexorável perda de sua independência. Impossível aceitar

tanta desgraça, melhor crer numa hipótese que substituirá, em sua memória, o fracasso de toda uma nação.

Muitos anos se passam até encontrarmos o relato de um português, contemporâneo aos fatos. Passam-se, na verdade, 29 anos até que Hierônimo de MENDOÇA (1785, p. 7), participante da batalha, visse sua *Jornada de África* divulgada em 1607:

...dizião que corrião muito rifco por falta dos mantimentos, e dos affaltos que os Mouros podião dar de noite e de dia; alem de tudo ifto que fe oferecia el Rey a dar huma batalha, em que não fomente auenturaua a honra e reputação defte Reyno, toda a nobreza, valor, e fustancia delle, mas fua vida e peffoa, em que confiftia a perpetua confolação e remédio de todos.

Defta maneira fe tratou o negocio, e pofto que ouue muitos fidalgos de contrario parecer no caminho que fe feguiu, todauia permaneeo a opiniaõ del Rey, como tão propria a seus defejos, e mandou que o campo marchaffe por terra a bufcar o vao do rio Lucus de Larache, para vir citiar a fortaleza que da outra banda eftaua.

Dessa forma, a batalha se realizou e Portugal se perdeu. Estamos em 1498 em Alcácer Quibir, ou poderíamos estar em Angola em 1960. Os fatos se repetem, o bailado ganha corpo. Fidalgos são generais, o rei absoluto está corporificado em Salazar e seu regime. A história procura corrigir-se, mas a farsa continua. A polícia política é criada em junho de 1957 (sempre junho), Agostinho Neto é preso eo massacre de Icolo e Bengo, quando as populações reclamaram a libertação de

Agostinho Neto e foram recebidas com rajadas de metralhadora.

(ALEGRE,1989, p. 13).

Sebastião parte para uma guerra religiosa, os infiéis serão punidos ou falamos que:

....Salazar recusa todo e qualquer contato, para ele é tabu. Ele quer fazer contra nós (Angola) uma espécie de guerra santa, bref, Salazar está convencido que a sobrevivência do seu regime depende da manutenção das colônias..... (ALEGRE,1989, p. 14)

Estamos, assim, diante de um país que se quer ver como nação poderosa e não pode encarar-se diretamente no espelho da verdade. O *irrealismo* é a imagem prodigiosa de si próprios que constatamos ter os portugueses de si próprios. Se estivéssemos em busca de uma justificativa psicológica iríamos encontrar um complexo de inferioridade alternado a momentos em que o complexo de superioridade se sobrepõe. E, como nos afirma Eduardo Lourenço, há nessa reação uma finalidade de esconder a autêntica situação de fragilidade que caracteriza o povo português. A busca de uma ficção a que chamamos grandeza justifica as atitudes de recusa de memória, que estabelecem para a sociedade uma abençoada anestesia. Por mais benéfico que aparentemente seja o esquecimento há o momento em que a fuga e a mentira serão uma ferida insuportável. Por mais tarde que seja, a política do silêncio terá que ter

um fim. Assim nos relata Hierônimo de MENDOÇA (1785, p. 80)

em sua *Jornada de África*:

... Pofto que nunca efqueçaõ grandes males, nem erros paffados poffaõ deixar de fer, pode todavia a malicia humana acrescentar ambas eftas cousas de maneira, que pereça a verdade totalmente, e venhaõ a ser maiores os danos da mentira, que quantos foccederaõ por Diuino juízo ou culpas noffas, pelo que à pezar do fentimento com que nos ameaça a lamentáuel hiftória, me pareceo muy jufto tratar defta jornada: e ainda que quando tomei efta empreza foy meu deftno logo fogir de não tocar na infelice batalha, fenão muy breuemente[...], vendo porém depois o modo com que alguns efrangeiros como Jeronymo Franqui e Frei Antônio de S. Romão trataõ della, acrescentando às faltas e misérias outras muito maiores, como fenão baftaraõ as que na verdade aconteceraõ, e que noffo defcuido podia acreditar feus erros, vendo os que depois vierem que ninguém os contradiffe, fendo tão manifeftos; me pareceo rezão não paffar em filencio coufa alguma, porque fe faiba em todo o tempo o que aconteceo na verdade [...]: posto que o fogeito feja tam trifte, não he por iffo bem que fique em filêncio.

A narrativa de Mendocça nos mostra uma memória reparadora e por outro lado uma mentira piedosa. Constrói a imagem de um rei sagaz, mas que não acata os conselhos dos que lhe são próximos. Assim também isenta de responsabilidade aos nobres do tempo, pois estes tentaram alertar o rei dos perigos de tal investida. Alguns o aconselharam a não ir pessoalmente devido aos riscos de desaparecer em combate e não deixar herdeiros para o trono. Assim nos relata Hierônimo de MENDOÇA (1785, p. 7):

... E foy affi, que nenhum fidalgo deixou de dizer a el Rey o que importava, quando fe offerecia, que mandando el Rey dom Enrique tirar de uaffa, ddepois neste Reyno de Luys da Silva, de quem elle cuidava, que como seu priuado lhe falaria á vontade, por não perder o lugar que tinha (...) depois com muyta hummildae confeffara a el Rey as merces que delle tinha recebido, lhe differa que não foffe pela terra dentro, ppoorque totalmente em femelhante conjunção fe hia a perder com outras cufas mais tocantes a efte negocio, bem ddignas de indignação, conforme feu humor. Nofim das quaes lhe refpondeo el Rey com muyta payxaõ, muy aſperamente, pello que fe pode bem julgar com lhe falariaõ os mais fidalgos, que tam pouco perdiaõ, em perder a graça que com elle não tinhaõ.

Com o decorrer da narrativa o rei é a imagem de um combatente heróico nos momentos de grande perigo e, além de tudo, a imagem de um cristão inteiramente dedicado ao serviço da fé. Como constatamos em transcrição de uma carta do rei a seus súditos:

...Eu el Rey vos envio muito faudar (...) pello que vos encomendo muyto me auieis particularmente de tudo o que vos parecer neceffário, pera bem de meus Reynos, affi pera conferuação e auugmento do culto Divino, que he a principal obrigação dos Reys Catholicos, e de que os Reys paffados meus auôs tiueraõ tanto cuydado(...) (MENDOÇA,1785, p. 93-4)

Como é de se constatar, o narrador cronista cria a imagem de um ser perfeito, digno de ser mitificado e venerado. Um rei que traz à sua terra uma aura de dignidade e orgulho. Um ser imortal, um ser que

retornará para dignificar o povo que o venera. É o mito que está construído, e o povo português não tem mais do que se esconder. Pode crer na superioridade que existe ou que virá. O mito é feito de um mecanismo de exclusão que bane a realidade das representações conscientes. Os portugueses, dessa forma, colocam em dúvida a morte do rei. E o que querem acreditar é que o rei havia desaparecido, mas ninguém podia afirmar que estivesse morto, embora a própria narrativa de Hierônimo de Mendonça descrevesse o encontro e resgate do corpo do jovem rei, assim como seu sepultamento pelo Xarife.

A literatura se encarrega de propagar o mito e concluímos que talvez os homens e as coisas exijam uma intriga bem construída, uma bela fábula, uma história que soe bem, para que a lembrança permaneça.

E Portugal segue sua história, refugiado em suas crenças, escondido por trás das brumas, à procura do grande império que comandará. Desse modo, sua sina se repete indefinidamente:

*... Alcácer Quibir és tu - Lisboa ajoelhada
nas armas que em teus barcos vão partir.
Lisboa - Alcácer Quibir
por tuas próprias armas desarmada.*

*Lisboa ajoelhada nestas armas
que em longes terras vão perder-te. E vão
nos barcos que te levam as naus fantasmas
com que se foi el-rei Sebastião.*

Alcácer Quibir és tu Lisboa.

*E há uma rosa de sangue no branco areal.
Há um tempo parado no tempo que voa.
Porque um fantasma é rei de Portugal.*
(ALEGRE,1989, p. 160)

E foi o sebastianismo, segundo Eduardo LOURENÇO, (1991, p. 18), o máximo de irrealismo que foi dado a Portugal viver, pois representa a consciência delirante de uma fraqueza nacional, de uma grande carência que é a realidade.

Descontentes com o presente, os portugueses passam a sonhar simultaneamente o futuro e o passado. É a forma de fugir do presente que não tem em si motivo de orgulho. É um regresso recalcado. Fuga a um encontro com a realidade e também, expressão profunda de uma grande carência que precisa de alguma forma ser compensada. O saudosismo será a tradução poético-ideológica desse nacionalismo mítico, representa a mais profunda e sublime metamorfose da realidade portuguesa vivida e concebida como irreal.

Portugal precisa renascer para começar a ser. Olhar-se para que possa ter o orgulho de seu povo. É o momento de procurar o antimito e “(...) *Talvez tenhamos de não ser para podermos voltar a ser*”.(ALEGRE,1989, p. 22).

Dentro de todas as indagações estaremos diante de uma questão, possivelmente sem resposta, que nos faz o poeta Lawrence

Durrell (citado por TORRES), *Num mundo de quotidiano absurdo pode prescindir-se do mito?*

E Portugal terá de fazê-lo para poder acreditar em suas forças reais. Viver a verdade poderá ser o primeiro passo para a construção de uma nação com os pés fincados firmemente no presente.

2.3.1. Sebastião ou Sebastião: Alcácer ou Angola

Podemos observar, pelo que apontamos até o presente momento, que o sebastianismo foi sendo construído no imaginário português com finalidades políticas específicas. Primeiramente, como forma de recuperação de valores nacionais perdidos e depois como forma de toda uma nação se unir em torno de uma imagem messiânica que justificará todas as derrotas e todas as tomadas de posição dos governantes.

Verificamos que em *Jornada de África*, de Manuel Alegre, há uma releitura contraideológica do mito, através de uma tomada de posição em relação aos erros cometidos em nome de um ideal fictício. Não entendemos como retomada do mito mas como uma forma de utilização do mesmo para se conseguir olhar de frente uma realidade presente que deve ser mudada. Para isto, as personagens vão surgindo diante de nós leitores, tomando atitudes e vivendo seu tempo em

constante oposição a valores adquiridos. É um jogo de contrários que começa a se desenrolar.

Sebastião chega a sua casa, passa os olhos pelo jornal, admira um poema de um poeta que ainda não conhece, recebe o Pança, (...) *um Quixote ao contrário, um Quixote gordo*, lê o relatório de Álvaro Cunhal em que o Secretário do PCP, “... *evadido do Forte Peniche há cerca de um ano, critica o “desvio de direita” e aponta como única solução para a queda do fascismo a via do “levantamento nacional”*.”.(ALEGRE,1989, p. 15-6)

A vida do jovem português, de ideais contemporâneos e sonhos aristocráticos, segue uma rotina que o narrador vai nos delineando. Através do dia a dia da personagem o jogo se delinea. A ficção e a realidade que se unem para nos fazer uma obra literária e ao mesmo tempo nos engajar em uma luta:

“*São sete e meia da tarde, e chove em Coimbra.*”
(ALEGRE,1989, p. 17)

Dois espaços narrativos passam a se entrecruzar e vidas seguirão seus destinos até um encontro definitivo, pois o destino ligará os ideais:

Algures, talvez no musseque Rangel, em Luanda, Domingos da Luta soletra um panfleto à luz do candeeiro a petróleo: “ Só há um caminho para a

libertação do povo angolano: o caminho da luta revolucionária. Mas esta luta não poderá atingir o seu objectivo senão através da formação do mais largo movimento popular de libertação de Angola. (ALEGRE,1989, p. 17)

A clandestinidade está no Portugal de 1960. Todo um povo *partilha a saudade e a inquietação do que não há. Outros mares, outras Índias, outras distâncias, uma revolução, qualquer coisa, não isto.* Portugal e seu povo partilham com Fernando Pessoa a sensação de *ser não sendo ternura pessoana de análise da realidade portuguesa através de uma auto-ternura da derrota.* (ALEGRE,1989, p. 20) O país precisa mudar, o regime precisa mostrar sua verdadeira face, e tal possibilidade só existirá a partir do momento em que os velhos mitos forem revistos e reavaliados. É necessária uma nova vida, outra escrita para esse povo e seus velhos mitos.

Enquanto em Portugal há a nostalgia de uma ação que não existe, vivem-se as lutas do mundo, os ideais universais das revoluções. Discute-se Sierra Maestra, guerrilhas, Paris e o mundo. Mas, em algum lugar de Angola, o destino e a ação já estão em marcha.

As personagens começam a desenvolver seus destinos que são contraditórios, cheios de *volúpia de não ser senão o sono de ninguém, debaixo de tantas pálpebras.*

Canta-se, bebe-se, mas de certo modo há uma tristeza forte e nova, nos dias de todos eles. Percebe-se que algo está para mudar, algo se anuncia. A música toca mais forte e rude, é a procura de uma nova harmonia:

“Um sacrifício necessário”... (ALEGRE,1989, p. 20)

E junho é o mês das partidas. O avião parte deixando as raízes de um velho mundo que jamais será o mesmo. Não poderá nunca mais ser o mesmo. Portugal deverá renascer de seus erros e de suas crenças inúteis para poder ser um verdadeiro país.

“Para Angola e em força”. É a imagem do ditador, ou do rei...

Na cadeira ao lado Jorge Albuquerque, nome de Alcácer, como o de Sebastião. Destino, coincidência, Kairos, como dizem os gregos. O acaso é um cavalo da cor do vento e a história deverá se repetir com seus nomes, suas armadilhas. Agora vão todos como ressuscitados pela história, mas vão de avião, e não sabem se a história é a mesma ou tudo não passa de um delírio. A ordem foi dada pelo dedo apontado em riste, *Para Angola e em força*. Duas palavras foram escritas nos monumentos de Coimbra e deverão ser escritas em todas as mentes para que haja o renascer: **Abaixo Salazar.**

Este é, sem dúvida, o tempo da partida. Talvez matar, talvez morrer. Angola deverá ser vista e só verdades deverão surgir. Os homens que surgirão diante de Sebastião e seus companheiros não são inimigos, mas matam e morrem. Sebastião não sabe morrer ou matar, pois não crê. Pede um uísque, a comissária sorri e diz chamar-se **Bárbara**. É a estrangeira, a desconhecida que também leu Manuel Bandeira. E é para viver, amar e renascer que dirige-se à terra e à gente estrangeira.

Sua farda amarela também desembarcará em Luanda, amarrotada como ele próprio. Há cinco séculos que estão a chegar nesta terra. Sente em suas veias, os ancestrais que estão dentro dele. É a representação viva da história só que, como já sentiu antes, da *História Trágico -Marítima*.

Salta de um verso de Camões com a mais amarela farda que já se viu. Não é a história, é uma alegoria do presente a falar do passado. Vai de jipe e não a cavalo. Será que as coisas aconteceram em outra história e outro tempo, ou não. É delírio:

“ *Ninguém volta de Alcácer Quibir...*” (ALEGRE,1989 p. 33)

Há um cheiro de guerra, um cheiro que está no jipe, no condutor, nas conversas e sem dúvida na mais amarela e amarrotada farda. Aquele amarelo que extravasa dos limites desejados, quente,

violento e cegante , que pretende ser eterno, mas é violento e usurpador. Sente nele a presença do declínio, da aproximação da morte, uma presunção demoníaca de ser o enganador, a personificação da crueldade . Talvez seja o mesmo cheiro e a mesma sensação de 4 de Agosto de 1578.

Sebastião ou Sebastião. Não reconhece mais o próprio nome. Murmura-o muito baixo. Apega-se a objetos do presente, mas parece o nome do outro.

O outro foi a morte, o fim de um reino, do ideal de sua gente, do orgulho de todo um povo. O que será ele, Sebastião, aquele que desembarcou de farda amarela, no ar quente e úmido da África? Será o que deverá fazer o renascer do mito através de sua desmitificação? E os outros que fazem parte do delírio do presente, deverão apreender essa cidade estranha povoada de ideais e de pessoas, que matam pois não sabem quem é por eles ou contra eles. Assim morreu Leandro, que odiava a guerra e discursava contra ela.

2.4. *Jornada de África* e a ideologia portuguesa

O estudo da obra de Manuel Alegre não é possível se for ignorado o aspecto ideológico nela contido. Tanto os seus textos poéticos como os de ficção narrativa têm uma temática comum que é a participação no tempo histórico de seu país, Portugal.

Portugal é cenário, é busca, é necessidade. As raízes estão presentes e vivas, daí a necessidade de revitalizá-las. Estar distante de suas raízes e de sua gente é sentir-se como o momento que antecede ao naufrágio que se prevê e não se acredita. É esta sensação que vem à memória de Sebastião naquela noite serena em que se senta com Jorge Albuquerque Coelho:

....Traz em si uma Nau Conceição navegando numa noite de luar por sobre os baixos e pressente a pancada que a muitos espedaçará.(...) Está na Ilha de Luanda e vai de Nau Conceição. (ALEGRE,1989, p. 41-42)

A sensação do perigo e talvez do final de uma era está contida em todos os pensamentos de Sebastião. A Pátria deverá morrer para renascer da destruição. A lembrança de outros momentos lhe vem à mente e reafirma suas convicções ou temores. Portugal encontra-se na perdição e esta consciência leva ao conhecimento do que deve ser feito. E assim: *...É preciso ser contra isto para ser por isto.*

Buscar na história os mitos presentes na memória coletiva do povo português é apegar-se ao próprio povo e afirmar-se como parte dele.

A escrita de Manuel Alegre possui um lugar de afirmação da coragem cívica através da preocupação em marcar a perenidade dos mitos, a fim de resgatar a memória individual e coletiva. Os mitos existem e permanecem a fim de agregar o povo em seus ideais de afirmação. Há uma necessidade de se redescobrir o país, partindo de um passado mitificado para se chegar a um presente real e sem sonhos impossíveis. É necessário se construir um novo Portugal, e para isso Sebastião tem *a impressão de ter dado um salto no tempo e no espaço e presente que se pode envelhecer muito depressa nesta terra...*

Portugal será reconstruído através da construção de Angola. Sebastião é um guerreiro que já não sabe seu nome. Sente-se como *um cavaleiro doutras eras desembarcado nesta guerra (...) é talvez o Romeiro regressado dessa fatal Jornada de África, vindo directamente para a picada onde a poeira é o pó acumulado dos séculos...* O pó acumulado que Portugal precisará retirar se quiser afirmar-se como um país em sua dignidade, com a dignidade que os jovens combatentes esperam dele.

Não estamos diante de uma obra datada, no sentido da retratação de um momento. Sua localização é o Tempo Histórico. Um tempo que não prescreve por estar acima do momento presente. O fascínio da noite de luta pode ter sido substituído pela claridade do dia

que representa a vitória, mas novas afirmações são necessárias, e as lições do tempo estão sempre presentes. É uma obra que opera com materiais mágicos como o mito, o afeto, o sonho e sempre, acima de tudo, com o sentido de pátria. A Pátria que se busca, ama e que se quer transformar.

Escrever é uma forma de intervir. É através do texto que se revive o tempo conscientemente realizado, num país ainda à procura de si mesmo. Há necessidade de se retomarem certos traços da portugalidade para ligá-los a um destino coletivo.

Apegar-se às raízes, sejam elas quais forem, pois o que importa é o homem e o país feito pelo homem. A portugalidade é *...um estado de espírito, uma maneira de ser (...)* São coisas que ninguém pode arrancar-nos... E, desta forma Sebastião lembra-se do poema de Pound:

*O que amas de verdade é tua herança verdadeira
O que amas de verdade não te será arrancado*
(ALEGRE,1989, p. 55)

A busca do tempo português é, portanto, obsessiva. Um tempo regulado por ideais de justiça social e cultural, que ultrapassam as fronteiras e passam a ser de toda a humanidade. Seus personagens são vítimas da guerra colonial, da emigração, da violência dos exílios, da

tortura nos cárceres da polícia política, no Portugal cerceado em seus direitos pelo regime salazarista. E, o tempo futuro, idealizado nesse presente prenhe de aflições, somente pode desenhar-se com invocação do passado. O presente é questionado a partir da história. Através das diferenças de cada momento, pressente-se um clima de evocação e de dúvida, raramente de celebração. Não se vislumbra ainda o dia da celebração que chegará, com toda a certeza, no momento do reencontro com a verdade.

Os personagens, portugueses, é certo, são também cidadãos do mundo. Vivem os fracassos e vitórias das revoluções, e como no conto de Manuel Alegre, são todos homens de um *país azul*, aguardando o acontecimento derradeiro. Ao lado do tempo lusitano vai-se para além das fronteiras da pátria. Vai-se às Américas, à África dominada e emergente, ao homem, sobretudo ao homem ocidental. Este homem que esvazia de conteúdo o seu tempo. O que marca este homem é o desnorte, É a incapacidade de realizar as verdades essenciais à condição de homem. Um tempo sem soluções que se vai esgotando na transitoriedade material de um quotidiano sem horizontes. E é na própria obra poética de Manuel Alegre que vamos encontrar este inconformismo diante do vazio existente no presente:

*Repara como Roma se esgota
nas bombas
de gasolina. São longas
filas
de solidão.* (ALEGRE, 1989, p. 181)

Há um frêmito militante em cada frase, em cada capítulo, em cada personagem. É, sem sombra de dúvida, um autor engajado na problemática de seu tempo e leva o leitor a uma tomada de posição constante ao apresentar sua reconstrução da mitologia lusitana. Ao buscar os temas ideológicos, verificamos que a obra de Manuel Alegre, ao mesmo tempo em que desencadeia um efeito de memória, é ela própria um fato de memória. A memória que faz um homem em sua solidão buscar a razão para sua existência individual e coletiva. O autor faz da arte um meio de colocar o homem em estado de equilíbrio com o mundo que o rodeia, torna-o seu. Percebe-se um anseio de prolongar o seu “Eu”, para unir na arte sua limitação a uma existência comunitária e por tornar social a sua individualidade. A arte é o meio indispensável para esta união. O trabalho para um escritor com as características de Manuel Alegre é um processo altamente consciente e racional, no fim do qual a obra de arte surge como uma realidade dominada e nunca como um estado de inspiração. Em *Jornada de África* a realidade histórica é chamada a todo momento para concretizar a temática, que, embora ficcional, assume um aspecto de análise de um momento. Prende-se em

um tempo real ao trazer notícias de jornais, comentários de testemunhas dos fatos, discursos de personalidades reais. O alternar entre a ficção e a realidade vai colocando o leitor em contato com a guerra, com a política, com o colonialismo adotado por Portugal em seu passado e no presente da narrativa. É uma forma de chamar o leitor e fazer com que ele se envolva ativamente no conteúdo que deixa de ser ficção para ser a luta real de um momento. As datas são precisas, os fatos comprováveis. O personagem Sebastião deve assumir uma posição, não pode alienar-se pois a hora não permite. Deve saber e decidir-se: *Ir à guerra ou não ir, África ou França*. (ALEGRE,1989, p. 70)

A África será o envolvimento naquilo que não crê ou quem sabe, lutar por dentro do regime. A dificuldade de tal opção será tornar clara em sua mente o “*interesse nacional*” (...) e verificar que ... *há vários modos de o entender e várias formas de lutar por ele* (ALEGRE,1989, p. 67).

A França será a fuga, o exílio, a clandestinidade. É também uma luta, não mais fácil nem mais amena que a primeira. A decisão é fundamental. Não se pode esquecer que dentro do exilado, do clandestino está a solidão e a angústia que tão bem é retratada nas palavras de Camilo Castelo Branco, em *O Regicida* (in ALEGRE,1989, p. 175)

Respondia então o desterrado (...) que tanto lhe fazia estar ali como em outra parte da Terra, pois, fora de Portugal, toda a terra lhe era um exílio.

Assim se sente o desterrado, e a luta faz parte do seu “Eu” individual, pois as origens não se calam.

Baseados nesse ponto de vista, podemos constatar que, segundo Marx, toda arte é condicionada pela sua época e representa a humanidade na medida em que corresponde às idéias e às aspirações, às necessidades e às esperanças de uma determinada situação histórica. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, no seu momento histórico, cria também um momento de humanidade, uma promessa de constante desenvolvimento. (FISCHER,1959, p. 63)

Dessa forma, seguindo tal raciocínio, verificamos que a arte é necessária a fim de que o homem possa conhecer e transformar o mundo, mas é igualmente necessária em virtude da magia que lhe é inerente. E a obra *Jornada de África*, através de uma releitura dos mitos e da história de Portugal, nos faz tomar uma posição de participação através da interação com a problemática política de Portugal que deverá nascer como um novo país através das lutas coloniais e da conscientização de sua população interna. Uma população que não mais poderá viver de uma

mentira coletiva mas que terá de se desvestir de um passado para se descobrir em um mundo presente.

2.4.1. Angola é Alcácer Quibir: Sebastião, o rei ou o alferes: Os homônimos de Alcácer

Sebastião e seus companheiros, homônimos de Alcácer, lusíadas exilados dentro e fora de seu país, reencontram-se com um patrimônio cultural feito de referências essenciais. Caminhando pelo texto, reconhecemos uma geografia literária feita de intertextualidades, em que o autor e os leitores se reconhecem e se irmanam. A luta pela liberdade está contida na busca da identidade. Cada personagem surge com uma vocação: a de ser arma contra o silêncio, mensagem de protesto e de procura de novas e boas notícias. O tempo traz outra realidade e outras mensagens. Acredita-se que o fim do regime está próximo. O medo também impregna as reações:

O medo de cada dia, de cada noite, por vezes de cada hora.(...) O medo de não agüentar, o medo de. Violência invisível, omnipresente, um fantasma pairava sobre cada instante, a medo se desvivia.
(ALEGRE,1989, p. 72)

Ficção e realidade, como já afirmamos, se confundem a partir do momento em que os fatos também se entrecruzam. Portugal continua a embarcar para a guerra e jovens continuam a morrer e ser mutilados por algo que não acreditam. Todos deverão construir uma pátria. Angola é Alcácer revivida.

Sebastião parte para a guerra. O dia é 19 de Junho de 1962. Sempre Junho, o mês das partidas. *Dentro de quatro dias (23 de Junho de 1415), terão passado quinhentos e quarenta anos sobre a partida para Ceuta* (ALEGRE,1989, p. 25). A narrativa começará a intercalar história e ficção, passado e presente ou como pensa Sebastião, talvez não haja dois tempos e duas histórias, mas apenas uma. Não vai de navio, não há festas como no embarque de seu homônimo rei. Na *Jornada de África*, crônica de Alcácer e do rei D. Sebastião, as festas são descritas como forma de se constatar um apoio do povo ao rei, ou como ele mesmo afirma uma festa de despedida à alegria. A alegria de uma nação soberana que sente estar a caminhar para seu próprio funeral. As trombetas e outros instrumentos de guerra parecem tocar um réquiem bem disfarçado. Assim nos relata MENDOÇA (1785, p. 68)

...fe partio el Rey Dom Sebastião da cidade de Lisboa, a vinte e quatro de junho de setenta e oito, com grande contentamento e alegria de todos(...) mas antes era fefta, e armonia das charamelas pifanos, e

tambores, e outros instrumentos bellicos, que parece certo que alli o contentamento fe deffedia de todos.

O avião já está no ar e provavelmente *pode ver-se o casario, o Tejo, a Torre de Belém mais um velho meneando três vezes a cabeça descontente.* (ALEGRE, 1989, p. 26) O mesmo velho que simboliza a voz da razão que não é ouvida. A voz que alerta contra a ambição de poucos e o sacrifício de muitos e que vai ficar por toda a história a constatar calado os erros dos dirigentes. Não há nada a fazer, pois de navio ou de avião, o destino é a guerra e talvez a morte.

Ao lado de Sebastião vai Jorge Albuquerque Coelho, companheiro em Mafra, outro nome de Alcácer. Será acaso ou destino, serão eles outros ou os mesmos. Vai de avião e não tem certeza de que a história não é a mesma.

A mesma guerra temerária, as mesmas ilusões de poder que não poderão se realizar, o mesmo comandante de dedo em riste a levar seus homens para a ruína. A história parece a mesma e,

...Avante, pois, avante loucos ainda que poucos, este é de novo o tempo da partida, peregrinar é o nosso verbo, talvez matar, talvez morrer. Veremos Angola claramente vista e não diremos senão puras verdades. Oxalá foram fábulas sonhadas (ALEGRE, 1989, p. 26)

Os pássaros guarajaus com seus gritos que anunciam o perigo avisam que o naufrágio é iminente. Jorge Albuquerque, angustiado, despedindo-se de uma sua parte que não sabe bem, ouve a chiadeira e o bater de asas. Provavelmente serão morcegos atordoados ou serão os pássaros do presságio. Não compreendem mais quem são. Não sabem mais se pertencem ao ontem ou ao hoje.

Parece haver um fio invisível a alinhar todos os fatos e pessoas e Sebastião surpreende-se em sua mania de misturar os tempos e a História. O Tempo é um círculo cujo eixo imóvel torna possível o movimento dos seres. O tempo humano se contrapõe à idéia divina do eterno por sua efemeridade. Há um instante presente no espaço e Sebastião não sabe mais a qual momento pertence. Se o tempo é uma roda que gira em torno de um eixo fixo simbólico, em que momento se encontra ou será que o giro chegou ao ponto em que as duas extremidades se encontram. Não consegue compreender este retorno ou se tudo não passa de uma peça do destino. Com esse fio que cerca a história, o leitor vai se envolvendo em uma narrativa que o quer atuante e participativo para servir de testemunha para o nascimento de um novo povo a partir da morte de um passado sufocante.

A ação precisa ser iniciada e será a partir de homens conscientes que se unem para clandestinamente programar investidas. Um

encontro envolto em códigos iniciará essa conexão. E a senha é dita e reconhecida: “*As nações todas são mistérios*”

E Fernando Pessoa transforma-se numa senha para a ação clandestina.

“*Eu vi a luz em um país perdido*”.(ALEGRE,1989, p. 73)

E Camilo Pessanha completa o pensamento dos dois revolucionários que devem se reconhecer.

Há ainda uma credencial. Um livro deve ser entregue a quem lhe entregar a página arrancada. É *O Desejado*, coletânea de relatos da batalha de Alcácer Quibir e a página que falta, a de número 149 é do cronista Hierônimo de Mendonça. E novamente o fio misterioso surge; Jerônimo de Mendonça é o escritor a quem deve encontrar. Saiu também de uma página da história. Não sabe se é mais uma coincidência e diz em carta à namorada:

Já não sei ao certo quem sou, há aqui um estranho mistério de nomes que preciso decifrar. Vou receber alguém que tem o nome do autor da crónica do OUTRO, quem sabe se não está destinado a escrever a minha. (ALEGRE,1989, p. 75)

Sebastião considera-se uma ficção da própria vida e o Escritor se declara um sebastianista do avesso. Luanda poderia ou é

Alcácer e quem são os outros? Os outros irão surgindo no palco das vidas narradas, mas todos representam um avesso, uma outra face de uma mesma história que precisa ser revivida ou exorcizada.

Nessa busca pelos nomes, pelas identidades, há uma volta às raízes da história. Para construir Portugal precisa-se retornar a Alcácer, precisa-se desvendar o mistério, precisa-se não mais esperar pelo rei desaparecido nas brumas. Tudo deve ser reiniciado e desta vez corrigido. Não mais a mentira aceitável, não mais a criação mítica para encobrir o fracasso. É o momento de se criar o Portugal da verdade, de se olhar no espelho sem fechar os olhos com medo da realidade. Está na hora de se crer nos fidalgos que viram Sebastião, o rei. Viram seu corpo marcado pela luta e pela morte e já sem as roupagens de que dignificavam a majestade. A crônica do rei assim nos conta:

...El Rey neste tempo bem certificado de tanta defuentura, (...) fazendo as marauilhas que todo o mundo vio, andaua acompanhado de alguns fidalgos, que pretendiaõ falualo, a troco de fuas vidaaas, quando fe vio cercado de huma multidão de Alaues, (...) que fem efcuitar mais acordo fe lançou a elles furiofamente, (...) onde dizem que cayo depois de morto o cauallo. Ate effe paffo ouue algumas peffoas dignas de fe, que ouffaraõ reuelar o acontecido, porem fe uiram mais, naõ fe fabe.(...)
(MENDOÇA,1785, p. 183)

E, as palavras continuam a enredar as ações e a confundir seus participantes. O escritor despede-se do alferes e diz:

Quem não Alcácer não alcança.

E o perigoso jogo de palavras continua *Porque também com palavras se pode criar o irremediável.* (ALEGRE,1989, p. 77)

A hora é dos extremos e a tropa possui conspiradores. Conspiradores com nomes de Alcácer. E chega a ele o cheiro do Norte, o cheiro da guerra. Cheiro de mato e medo.

2.5. A repetição de nomes e personagens: coincidência ou uma armadilha do destino

Desde o início da narrativa, a personagem Sebastião é apresentada com uma aura de mistério e que nos anuncia a possível existência de uma função própria e de uma representação que irá adquirir na narrativa uma simbologia especial. Sebastião pode representar o próprio destino de sua pátria que irá trilhar um caminho árduo mas definitivo em sua existência. Portugal, preso no passado e tentando revitalizar constantemente seus arcaicos mitos, não consegue adaptar-se à vida presente. Esse fato é consequência de um regime retrógrado e de

governantes que pretendem manter-se no poder a todo custo. Vamos encontrar um país isolado das ideologias mundiais de seu tempo e que faz seu povo viver as conseqüências desse arcaísmo.

Salazar cria uma mítica de sustentação para seu regime. As idéias fascistas do ditador são revestidas com uma aparência de retorno ao desejo mítico de poder incutido no imaginário português. A memória coletiva, habituada a viver a mentira da chegada do quinto império que trará riquezas e poderes aos portugueses, faz com que esse povo tente adaptar-se ao clima de violência vivido por todos. Tentam não ver o quanto são perseguidos, violentados em seus direitos com a desculpa do retorno heróico. Os filhos são presos; as escolas, os professores e as obras literárias são censurados. A PIDE possui um poder total que lhe é concedido pelo Estado. São muitos os portugueses patriotas que fogem do país para viver exilados de sua pátria. Assim, à distância passam a lutar pelo país que amam e pelas idéias que acreditam. A conseqüência de seus atos de luta será a clandestinidade, a perseguição em seu próprio país, a prisão, morte e tortura.

É dentro desse período que muitos autores surgem, para através de suas produções literárias - sem descurarem do fato histórico - abordarem as necessidades de sua gente, mesmo que para tanto sejam obrigados a viver exilados.

Em *Jornada de África*, Manuel Alegre - conforme vimos argumentando - vale-se de temas históricos para apontar problemas políticos essenciais de seu país. Ao fazer renascer o passado e seus mitos, repensa-os no presente para pensar na construção necessária de um futuro diferente. Um futuro que deverá ser construído através da destruição de todo um passado que serviu de amarras para o progresso de sua nação.

Portugal é miticamente situado pelo discurso mítico de raiz aristocrática fruto do poder da força e da coragem de monarcas poderosos, purificados pela fé de um deus único e verdadeiro que defenderam com bravura, ao expulsar os infiéis para longe do mundo civilizado. História grandiosa para encobrir uma verdade pequena e um grande fracasso. Portugal não enterrou seus mortos e não sepultou seus sonhos. Passou a viver com eles, por séculos, de forma inacabada ao mesmo tempo que angustiada. Não podiam recolher os cacos de sua derrota, os fragmentos de seus antepassados mortos em guerras inúteis. É difícil encarar a verdadeira face do fracasso. Mais fácil encobri-lo de nuvens, de histórias irreais e de promessas de redenção jamais cumpridas.

A narração transcorre de forma fragmentada por colocações reais e fictícias. História e trama ficcional se misturam e não conseguimos mais, enquanto leitores, distinguir os limites existentes entre ambas. Assim como na Idade Média a história é vista como crônica de fatos,

analisada a partir de heróis memoráveis, a obra de Manuel Alegre parte da reapresentação dos memoráveis heróis portugueses que fizeram parte da formação da memória coletiva do povo, para nos apresentar os problemas da nação, constatados desde o momento em que tais fatos passaram a fazer parte da mítica dos portugueses.

Jornada de África é a História - Arte pois nos faz uma narrativa de acontecimentos ao recriá-los como se fossem presentes. As angústias que fazem parte do íntimo de Sebastião, o Alferes, fazem-no um contemporâneo fictício do que ocorreu com seu homônimo rei. Recupera, torna visível o passado e vai, no decorrer dos fatos, reinterpretando cada ato da realidade. Em princípio, na obra, a história e a ficção se entrosam como forma de linguagem. Personagens vão surgindo e não sabemos mais a que tempo pertencem.

Sebastião, Jorge Albuquerque Coelho, Jerônimo de Mendonça, Duarte de Menezes, Miguel Noronha, Vasco da Silveira, Alvito: “*Nomes de Alcácer*” que se encontram para o planejamento da ação e dessa forma:

*Trata-se da primeira reunião clandestina em que
Sebastião participa em Angola.(...)
(...) Só então Sebastião se dá conta:...
- Aqui há coisa - diz.
.....
Os nomes. (...)*

- *Será que ninguém percebe*
 - Xiça, o quê
 - *Nomes de Alcácer Quibir (...)*
Você, Alvito, como o barão que quis prender o rei na véspera da batalha; você, Miguel de Noronha, comandou um dos terços portugueses; ali o nosso major Vasco da Silveira, o outro; tu, Duarte de Meneses, tu és o maior, porra, o número dois, logo a seguir do rei, estavas à frente da cavalaria no corno esquerdo do exército. Eu, nem se fala. Não há dúvida, está aqui a fina flor. O sacana do escritor tinha razão.
 (ALEGRE, 1989, p. 99 / 102)

E não nos esqueceremos de que o escritor é o cronista do rei. Escreveu a crônica de Alcácer e fará quem sabe a crônica de Angola.

A crônica do novo tempo.

Tudo que se conta acontece no tempo, toma tempo e desenvolve-se temporalmente. Por acontecer no Tempo é que pode ser contado. Há uma suposta reciprocidade entre a narrativa e a temporalidade. Mas de que tempo estamos falando e de que personagens estamos nos referindo? A batalha é de Alcácer ou Angola ou ambas são parte de uma mesma realidade? A mimesis abala o nexos referencial do discurso. Nessas condições, a significação do texto não pode corresponder mais à intenção do autor nem à referência às coisas e objetos que a linguagem ordinária descreve. A significação autônoma e a perturbação do senso do real introduzem no discurso a brecha da ficção, por onde se configura o das estruturas formais e do sentido imanente ao texto. Confusos diante dos referenciais que nos são dados, a preocupação

com a simbologia exercida pelo jogo passado e presente leva - nos a buscar no livro XI das *Confissões* de Santo Agostinho (citado por JAPIASSU, 1989, p. 233-4) a idéia da inconsistência ontológica do tempo. Desdobrando-se no passado que deixou de ser na realidade presente, ao passar, e no futuro que ainda não existe, não há como medir o tempo, sem admitir a *intensio* da alma que abrange os três: o primeiro, pela **memória**; o segundo, pela **atenção** e o terceiro, pela **expectativa**. Mas, como não se pode dizer com absoluta propriedade que há três tempos, a *intensio* deverá condensá-los num único momento: o presente do presente, o presente do passado e o presente do futuro.

Esse presente triplicado concentraria a alma num só ponto, o **presente do presente**, por onde o tempo passa e pelo qual pode ser medido, de modo que o futuro vai se tornando passado à medida em que se abrevia a expectativa e alonga-se a memória.

A *distensio* confere extensão ao próprio espírito através da **memória**, da **atenção** e da **expectativa**, tomados como ato de uma só intenção. O exercício da memória, que conserva as impressões do que passou, e o da atenção, que permite medi-lo acrescentam um elemento de passividade à atividade do espírito.

A escrita interrompe o aqui e agora da interlocução e a *mimesis* abala o nexos referencial do discurso. E desta forma, passamos a

conviver em *Jornada de África* com a **memória**, que é tão forte nos mitos da portugalidade. Com **a atenção** gerada pelo instante em que a consciência da verdade desperta e a necessidade da tomada de uma atitude revolucionária se coloca acima de qualquer atitude de preservação. A guerra existe e sente que *já não há fronteira entre o que é a fingir e o que é a sério, o que parecia não ser afinal era,(...)*. Assim é a guerra: *não se encontra o que se procura, apanha-se o que não se espera.* (ALEGRE,1989, p. 87).

E, com a **expectativa** que vai representar a mudança necessária através da destruição do passado pernicioso para a construção da nova pátria, que deve crescer da libertação de uma **memória** que serve de amarras, ao mesmo tempo em que acoberta interesses desligados do passado histórico, mas fortes na permanência no poder político de uma elite que mantém de forma violenta todo um povo. Conscientes ou não desta violência, esse povo deverá um dia reagir fazendo com que Lisboa se levante - “**Por suas próprias armas desarmada**”-. E o tempo não mais estará parado e nem Portugal será governado por um rei fantasma.

3. Os caminhos da narração

Nosso estudo tem como objetivo a análise do mito do sebastianismo na obra *Jornada de África* de Manuel Alegre. Previamente, consideramos importante um estudo da história de Portugal, o que fizemos no primeiro capítulo de nosso trabalho. Ao tomarmos conhecimento do imaginário português e da evolução de seu colonialismo e de sua expansão marítima chegamos à construção do mito do sebastianismo a partir da derrota bélica sofrida pelo rei, pela sua nobreza e por todo Portugal em Alcácer Quibir. Entender as reações da memória portuguesa a partir da catástrofe de Alcácer é uma das intenções de nosso trabalho, ao lermos a obra de Manuel Alegre.

Há uma retomada das raízes históricas para apreender a realidade vigente e reinterpretá-la através de tomadas de posição novas e transformadoras. Não estou interpretando esta releitura como retomada ou reconstrução, mas como uma forma de através dos mitos da portugalidade, tão fortes na alma portuguesa, conseguir verificar o sebastianismo como reivindicação e como forma de lutar contra os aspectos históricos que mantêm o povo em um estado letárgico de dominação consentida. Portugal, como iremos constatar a cada instante da

nossa leitura de Manuel Alegre, irá se erguer das novas derrotas. As derrotas deverão agora ser encaradas de frente e só após uma interpretação de todos os fatos e atitudes mentirosas que encobriram a história do país chegar-se-á à existência de uma nação pronta para se encarar e a encarar o mundo contemporâneo.

Na obra de Manuel Alegre, por várias vezes iremos encontrar exemplos dessa forma de encarar os mitos portugueses. No poema *Explicação de Alcácer Quibir*, várias vezes citados em nosso trabalho, pode-se constatar a questão da releitura dos mitos e reconstrução da pátria, o que já revela a preocupação do autor com a temática em questão.

Será possivelmente uma reconstrução a partir de seus mortos insepultos. É o que podemos detectar nos versos de Manuel Alegre (1989, p. 157):

*Há um tempo parado no tempo que voa.
Porque um fantasma é o rei de Portugal.*
(ALEGRE, 1989, p. 157)

Um diálogo com Angola, um novo país que surgirá dos escombros portugueses, é que trará à consciência coletiva, as necessidades do novo país que deverá ser Portugal. É aqui que se fará

também a idéia do avesso que caracterizará a transformação portuguesa e que será feita a partir da reconstrução e da reinterpretação de seus mitos fundamentais. O avesso é o lado inverso, a outra face que deve ser vista de frente. Sebastião escreve à amada angolana, à amada que se chama Bárbara, a estrangeira, a que ganhará uma pátria dos escombros da outra que foi até então a face do poder e da repressão. Assim escreve Sebastião, o alferes: *Não há aqui epopéia para dizer. Somos lusíadas do avesso, ninguém nos cantará.* Ninguém cantará a verdade e a derrota e Manuel Alegre faz em *Jornada de África*, como ele próprio confirma, a epopéia da anti-epopéia. Dessa forma, a partir desse entendimento é que pretendemos estudar agora os aspectos do sebastianismo em *Jornada de África*.

Antes de entrarmos propriamente na análise dessa releitura gostaríamos de fazer um preâmbulo sobre o processo narrativo desse romance. As estratégias da enunciação são várias e embora não pretendamos nos aprofundar nos recursos utilizados, consideramos importante fazer uma passagem por tais elementos.

3.1. A narração, seus aspectos e definições

Como continuidade ao nosso estudo do romance *Jornada de África* de Manuel Alegre, fizemos uma avaliação das técnicas utilizadas pelo narrador para compor sua obra. Gostaríamos de reafirmar que nossas observações vieram da análise de uma obra de evidente preocupação ideológicas. O autor propôs-se a produzir um texto engajado, voltado para seu momento histórico e de forma explícita. Não vemos possibilidade de fazer outro tipo de análise em um autor tão preso a seu tempo e à problemática de seu país e de sua gente. Poeta tribuno, como foi chamado em Portugal, produziu sempre uma obra com um aspecto de contemporaneidade e de conteúdo político de forma a fazer de sua arte um instrumento das lutas de seu país. A partir dessa linha de pensamento, iniciamos a análise das técnicas utilizadas.

Narração é um termo que pode ser definido como um processo da enunciação ou como um processo oposto à descrição. A *narratio*, como componente da *dispositio*, desempenha uma função ativa, que prepara a argumentação. Segundo Barthes, a narração não é uma história no sentido fabuloso ou desinteressado do termo, mas um elemento de argumentação.

A narração vem a ser uma parte da epopéia. É um componente dominante, aquela parte em que se executa a qualidade

propriamente narrativa do gênero em causa. Relata os componentes heróicos, de episódios mitológicos ou de eventos históricos, como o caso da obra pesquisada. Segue-se na estrutura da epopéia à **proposição** e à **invocação**.

Compreendida como um processo de produção do discurso narrativo, a narração envolve necessariamente o **narrador**, pois este vem a ser o sujeito responsável pelo processo. O narrador como entidade se insere no universo representado, não se confundindo, pois, com a criação literária atribuída ao **autor** empírico.

Para um estudo sobre a narrativa é exigido uma referência a diferentes vertentes da sua realização. As duas vertentes são o tempo e o espaço em que decorre e as especificidades que afetam esse tempo e esse espaço e a relação do narrador com a história, com os seus componentes e com o **narratário** a quem se dirige. Cada particularidade vai depender da história representada. Há narrações em que o narrador transforma seu contar em um elemento lúdico, ao intervir no presente da história principal. Há narrativas que estimulam um olhar entre irônico e desencantado. Há ainda outras em que encontramos um grande distanciamento do narrador em relação aos episódios relatados. Assume, assim, um posicionamento de experimentação científica em relação aos fatos. Tal aspecto é costumeiro nas obras do **Realismo naturalista**.

Na narrativa de *Jornada de África* vamos encontrar uma série de elementos que consideramos importante salientar. No capítulo anterior já apontamos a preocupação do autor em relação ao aspecto de colocação temporal. A narrativa, para nos levar ao tema, utiliza-se de um entrecruzar de passado e presente que dessa forma nos coloca dentro das crenças dos portugueses ao lutar por sua libertação interna, ao mesmo tempo que fazem parte de uma guerra que não acreditam e não aceitam. Para localizar o leitor, no tempo narrativo, da mesma forma em que o coloca em condições de compreender a realidade factual não fictícia, o narrador vai utilizando-se de elementos **informantes**. Para BARTHES, (1966, p. 27), os **informantes** são unidades narrativas que funcionam como operadores realistas, na medida que servem para localizar e ao mesmo tempo prender a ficção no momento real. A ação dessa forma é situada num espaço e num tempo precisos, com indicações concretas sobre os fatos da história. Assim, encontraremos várias vezes os **informantes** a situar-nos. Já introduz a obra com um deles:

“ *Estrada da Beira, Dezembro, mil novecentos e sessenta: (...)*” (ALEGRE, 1989, p. 11)

Sabemos claramente a data em que a narrativa irá situar-se. Serão vários os exemplos e várias as interrupções feitas pelo narrador,

intensionalmente, para trazer novamente o leitor para o mundo presente. Dessa forma não permite que haja um envolvimento excessivo do leitor com o mundo da ficção.

Para citarmos um outro exemplo, transcrevemos o texto seguinte:

No gabinete da sua companhia, no Regimento de Infantaria de Luanda, Sebastião folheia os jornais. Foram-se acumulando, sente necessidade de se pôr em dia..... (ALEGRE,1989, p.89)

Seguem assim, devidamente datadas, uma seqüência de notícias ocorridas em Portugal e em todo o mundo durante o período referido. Como queremos comprovar, os **informantes** são operadores de **verossimilhança** que dão atualidade à caracterização dos espaços, e das personagens. O leitor vê com transparência que todos os fatos ocorrem num momento histórico reconhecido, e facilmente comprovado. Para levar sua mensagem a um público mais amplo, os fatos apresentados são de caráter universal. Não há uma restrição ao universo português mas há, isto sim, uma preocupação em situar Portugal em um universo mais amplo, dentro de seu tempo, abandonando o isolacionismo de tratar de uma questão só sua, mas demonstrando que a problemática está contida em toda uma realidade mundial. Encontramos também **informantes** que situam ainda mais esta preocupação de amplitude. Portugal é motivo de

discussões em assembléias políticas internacionais. As Nações Unidas discutem as atitudes colonialistas portuguesas e votam medidas e sanções.

Encontramos ainda:

Precisamente no momento em que, na Câmara dos Comuns, em Londres, representantes do MPLA, do PAIGC e da Convenção Política de Goa dão início a uma conferência de imprensa.

Ou ainda :

A comissão especial da ONU para os territórios sob administração portuguesa afirma que Portugal tem de reconhecer a evolução histórica e irreversível do continente africano e dar imediata independência a todos os territórios que administra, de acordo com as aspirações da população. (...)

A aplicação de medidas militares de repressão em Angola e noutros territórios representa incontavelmente grave ameaça para a paz e está em contravenção com a Carta das Nações Unidas. (ALEGRE,1989, p.13)

Os **informantes** introduzem e levam a uma tomada de posição que será exigida do leitor, principalmente devido à intenção do autor em produzir uma obra de participação. Concluímos, então, que o desligamento e o descompromisso não cabem na leitura exigida pela temática e pelo autor.

3.2. As fronteiras entre o real e fictício

São bastante tênues as fronteiras que demarcam o ficcional do real. No decorrer da narrativa por várias vezes nos sentimos envolvidos e confusos pelos fatos relatados. Assim como a personagem Sebastião se sente indecisa sobre sua própria identidade, nós também, enquanto leitores nos envolvemos com os fatos e já não identificamos o real do irreal. E o mais importante para o caso em questão, é que já não distinguimos o presente do passado. Sebastião não sabe a que tempo pertence. Retrata Portugal que vive em um passado remoto que o impede de tomar decisões ou de ver a verdade. Há uma demarcação dessas fronteiras e isso é feito através do intercalar dos fatos vividos por Sebastião no mundo imaginário da narrativa, com seu tempo, espaço, angústias e crenças. Com um sistema ideológico próprio que será a todo momento misturado a um sistema ideológico mais amplo, que é a realidade colocada através dos dados comprovados histórica e documentalmente. A transição entre o mundo real e o mundo representado é significativa e vai estar presente em toda a análise dos recursos utilizados. Os fatos que correspondem a essas fronteiras de transição desencadeiam e prolongam o interesse do leitor. Desde as primeiras cenas já nos é demonstrada a realidade de violência imposta pelo regime ditatorial. A primeira personagem a tomar corpo diante de

nós, leitores, é um alto funcionário da polícia política portuguesa (PIDE). A simples preocupação de nos situar diante da existência de tal organização, já vai levando o leitor a uma tomada de posição em relação à situação existente. A obra adquire uma coerência de idéias desde a chegada de *Lázaro Asdrúbal* a Portugal e à sua terra natal até ao aparecimento de cada uma das personagens que irão conviver com *Sebastião, o alferes*. As condições climáticas serão chamadas à tona pois irão estar em contraste com as condições da África. A importância desse contraste estará na apresentação dos portugueses como estrangeiros, invasores em terra alheia. Impossível de se acostumar ou de se identificar com as condições que lhe são impostas. Só o interesse pode mantê-los nessas terras, nunca a identificação.

Os **informantes** da narração possuem um valor na interpretação global da história. Eles sugerem um caráter, uma filosofia própria e seus significados estão implícitos e encerram motivações profundas na estrutura do texto.

Como verificamos as formas de expressão e os elementos formais determinam um sentido à mensagem e são apresentados de forma significativa para o leitor.

Aqui cabe também um comentário sobre a forma de apresentação das personagens. Em relação à sua designação, verifica-se

que o mundo narrativo é susceptível de ser transformado em dois domínios diferenciados. Há o domínio das personagens identificadas por um nome próprio e o domínio das personagens identificadas por uma descrição definida. Esta estruturação varia de texto para texto e na obra estudada adquire um domínio intencionalmente diferenciado ao apresentar personagens que possuem semelhanças, mesmo encontrando-se em tempos diferentes. É nesse momento que o leitor adquire um espaço privilegiado para sua interpretação.

Esta função narrativa, de caracterização intencional, leva o leitor a verificar que as personagens vagueiam do espaço narrativo ficcional para o espaço histórico, com grande facilidade, e dessa forma passa a fazer o mesmo, além de se questionar sobre as coincidências ou destinos reservados a cada uma das personagens.

Nos textos de ficção, os **nomes próprios** designam indivíduos que existem no universo do texto mas em *Jornada de África* estes **nomes próprios** vão além da criação ficcional para existirem no mundo histórico de Portugal. Sabe-se que a função do **nome próprio** é a identificação das personagens. Essa identificação é decisiva, pois garante a continuidade referencial que as individualiza em todos os seus aspectos. O nome de cada um faz a unificação dos traços distintivos da personagem e a relaciona com o universo da obra. Além dos nomes

próprios a criação de apelidos que relacionam a personagem a um tipo físico ou a um fato de sua vida que também representa um signo de motivação, para que o leitor relacione a personagem ao mundo textual. Como exemplo dessa categoria referida, encontramos a entrada de *Pança*:

...Mas eis que chega o Pança, ofegante e muito vermelho. Enorme,(...) Ele é um Quixote ao contrário, um Quixote gordo. (ALEGRE,1989, p.16)

Logo a seguir, uma outra personagem é - nos é apresentada. Seu nome próprio vem acompanhado de um aspecto que o identifica com a sua própria vida. O apelido nos mostra suas atividades e já no primeiro aparecimento detectamos uma personalidade obstinada. Assim o encontramos na narrativa:

*... Domingos **Da Luta** solettra um panfleto à luz do candeeiro a petróleo: Só há um caminho para a libertação do povo angolano: o caminho da luta revolucionária. (...) Tanto falou da luta, que acabaram por lhe pôr o nome.(...) Mas não abandonou a luta, ele é Domingos Da Luta, está com a luta, sempre. (ALEGRE,1989, p.17)*

Assim como o nome da personagem Domingos Da Luta, outros nomes vão se alternando e a focalização do narrador sobre o mundo de cada um transforma - se numa busca das raízes de toda uma

nação. É nesse ponto que faremos nossa leitura da obra *Jornada de África* de Manuel Alegre, baseada, como já dissemos anteriormente, na representação do mito do sebastianismo como uma forma de transformação da realidade de Portugal. Se em alguns momentos essa crença trouxe a acomodação e atitudes de espera fatalista, na obra de Manuel Alegre ela será retratada como uma forma de oposição e de chamada à realidade do presente histórico português.

3.3. D. Sebastião, o rei

O rei D. Sebastião, por sua educação *sui generis*, feita por religiosos, pela juventude com que assume o trono, por seus ideais de construir um mundo cristão e liberto de infiéis e posteriormente por seu desaparecimento em uma violenta batalha, ainda com a força da juventude, propiciou a construção em torno de sua imagem de um mito messiânico.

Considera-se que o messias é alguém enviado para corrigir a imperfeição do mundo. Trata-se pois, de um líder religioso ou social. Por seus dons, ou pelos dons que lhe são atribuídos, passa a agir graças a suas

qualidades pessoais. Por ser uma personagem histórica que marcou fortemente o povo e em torno da qual se desenvolveram lendas, é transfigurado em algo além do natural. Foi uma figura real em cuja morte não se acreditou ou não se quis acreditar. Seu retorno é aguardado através de uma espera messiânica.

As crenças messiânicas pressupõem uma necessidade de salvação ou de superação de um momento drástico da história de um povo. Em momentos de grande conflitos ou ocasiões trágicas, o homem, individual ou socialmente, deixa-se dominar por crenças que os ajudam a manter-se vivos. O espírito humano vive em permanente inquietação. Nunca está satisfeito ou conformado e precisa apegar-se no que está acima de sua própria compreensão. Na verdade, a todos esses impulsos de misticismo religioso associam-se aspectos reivindicatórios sócio - políticos. Os líderes sempre pregam reformas sociais e políticas. E, como a vinda do paraíso está vinculada à vitória dos crentes sobre os ímpios, facilmente movimentos que poderiam manter-se pacíficos se transformam em movimentos armados.

Para melhor entendermos as alusões de Manuel Alegre ao jovem rei, e também para nos inteirar da crônica de Hierônimo de Mendoça que estabelece com a obra de nosso autor uma íntima relação intertextual, fomos fazer um estudo deste texto o qual citamos para

exemplificar nosso ponto de vista. D. Sebastião, profundamente religioso, é mostrado como exemplo de piedade por atitudes tomadas no decorrer de sua vida. Conta-nos o cronista contemporâneo do rei, que os fidalgos tentavam dissuadi-lo da guerra. Atitudes tomadas em vão, como constatamos no texto abaixo:

...os homens do gouerno della falaraõ algumas vezes a el Rey, e outras coufas , baftantes cada huma dellas ao diffuadirem de feu intento;.... tinha affentado configo fer esta jornada iufta, piadofa, e fanta, naõ daua ouuidos a coufa alguma(...) (MENDOÇA,1785, p. 7)

E, continuando a narrativa, Hierônimo de MENDOÇA (1785, p. 61) nos fala sobre a piedade religiosa do jovem soberano, da forma seguinte:

... eftando hum dia no mofteiro de S. Roque (de bem pouca idade) depois de commungar recolhido em huma capella como coftumaua, foy vifto diante de hum Crucifixio de gíolhos, onde com muytas lagrimas, e grande inftancia (de coufa) eftaua pedindo a Deos, que affi como a tantos principes auia concedido vitorias, imperios, Monarchias, lhe concedeffe a elle fomente fer feu capitaõ.(...) sendo de tam pouca idade que o tiueraõ todos a marauilha.

Dessa forma, podemos verificar que a imagem projetada pelo jovem monarca era bem propícia a fazê-lo um ser superior a seus contemporâneos e adequada a personificar mais tarde a figura de um herói

messiânico. A crença sebastianista, em sua forma primitiva e, particularmente, nos aspectos que vai assumindo no decorrer dos tempos, tem - como dissemos - sua raiz na concepção religiosa do messianismo. Concepção que admite a vinda de um redentor, capaz de mudar a ordem das coisas e instalar um regime de paz, justiça e felicidade. O conceito de justiça e felicidade passa a ser relativo, refletindo o interesse do povo que o prega. O que caracteriza o messianismo é o sentido de força viva e atuante. É a vivência prática. Identifica-se o messianismo com os grupos oprimidos ou infelizes ou com os indivíduos que se julgam vítimas da imperfeição de seus semelhantes ou da consciência de sua própria incapacidade. Crêem que alguma coisa poderá acabar com os sofrimentos e que o mundo poderá viver sob a inspiração da justiça e da felicidade (ou daquilo que assim consideram).

No caso da história de Portugal, o episódio de Alcácer Quibir foi uma violência coletiva. Não significou apenas uma batalha perdida, mas nela perdeu-se o jovem e audacioso rei, morreram os fidalgos de maior honra, perderam-se tesouros enormes e, acima de tudo, morreu o próprio país, orgulhoso, cheio de poder, respeito e independência.

E na sombra do derrotismo, embarcando na *Ode Marítima*, Portugal se esconde da verdade que não consegue enterrar.

Assim nos diz o narrador da moderna *Jornada de África* :

...É certo que participa de reuniões, picha paredes, pensa numa revista revolucionária, às vezes bombas. Mas não chega. Tudo lhe sabe a pouco e pequenino. E deste ser não sendo (...) Pessoa era o supremo confidente. E também o álibi para tudo o que podia ter sido e não chegava nunca a ser.

... Repugnava-lhe esta festa do avesso, o narcisismo da renuncia e a tão portuguesa auto ternura da derrota...
(ALEGRE, 1989, p. 20-1)

O esconder-se atrás do protetor que há de vir justificou todas as formas de acomodação. Os imperialismos mais exarcebados têm suas raízes no messianismo nacional. Imperialismos que se desenvolvem como verdadeiras “*guerras santas*” ou que, para se manter no poder, promovem atitudes guerreiras que justificam ideologicamente com as crenças da população.

Salazar reveste-se de hábitos de humildade religiosa e não admite solução pacífica, não aceita negociação. Assim:

...o Governo de Salazar recusa todo e qualquer contacto, para ele é tabu. Ele quer fazer contra nós uma guerra santa. Salazar está convencido que a sobrevivência de seu regime depende da manutenção das colônias. (ALEGRE, 1989, p. 14-5)

Sebastião também não aceitava negociação, os infiéis deveriam ser dizimados para a manutenção da grandiosidade do império português e de seu próprio reino. Comandou pessoalmente a batalha, montado garbosamente em seu cavalo e esquecendo de sua própria condição de monarca. Para ele era uma questão de honra pessoal. Não importa a fragilidade de seu mal preparado e pequeno exército se comparado ao do adversário. Não se importava com a falta de alimentos, com o calor e a falta de adaptação das vestimentas para aquela terra estranha. Só pensava em promover sua *guerra santa*.

E, ... *Salazar está convencido que a sobrevivência do seu regime depende da manutenção das colônias... Para Angola e em força.*

E os soldados irão desembarcar, não de uma nau, mas de um avião, “...*amarrotados dentro da farda amarela (...). Há cinco séculos estão a chegar aqui, traz dentro dele todas as viagens e todos os naufrágios,(...) na farda mais amarela que jamais se viu...* (ALEGRE, 1989, p. 32)

3.4. Sebastião, o alferes e todos os nomes de Alcácer

Sebastião, o alferes, vai nos levar à temática central da obra pelo apego que manifesta a suas raízes históricas e culturais. Afinal, há

gerações um possui este nome em homenagem ao Outro, ao Rei. É desta forma que nos diz sobre a tradição:

...Há várias gerações que há um Sebastião na minha família. Homenagem a um avô que se perdeu em Alcácer. Agora calhou ser eu. Se isto fosse um filme, diria que é um truque para produzir efeitos especiais. Como não é cheira-me a ficção da própria vida. (ALEGRE,1989, p. 73)

Nesse momento, o responsável em carregar este destino é ele, o alferes que busca a justiça e quer acordar seu país. É o Sebastião que mostrará a outra face da gente portuguesa. Angola será provavelmente um novo Alcácer Quibir, mas um Alcácer que trará o despertar da nação para o presente. E Sebastião está diante das terra estrangeira e o encontramos, como nos diz o narrador: *...Sebastião está deitado no quarto sem alma de uma cidade para ele estrangeira...*

O rei já esteve em sua tenda de guerra à espera do momento exato que não se sabe qual é. Sempre a dúvida: “*...Ir à guerra ou não ir...*” (ALEGRE, 1989, p. 70).

E a palavra de ordem que soa em seus ouvidos: *Para Angola e em força...*

O que tem vivido é a violência invisível de seu tempo.
...violência invisível, omnipresente, um fantasma pairava sobre cada instante, a medo se desvivia...

Como iremos constatar, a guerra colonial é o ponto central da narrativa e a problemática vivida pela população portuguesa será centralizada nas angústias que farão parte da personalidade do alferes.

A personagem de Sebastião, o alferes, reveste-se de grande complexidade, pois caracteriza-se por uma personalidade obstinada, muito semelhante a do jovem monarca desaparecido em Alcácer. É uma personalidade bem elaborada ao mesmo tempo que indefinida. Há uma condição inerente a ela, que é a imprevisibilidade, pois seus traumas, crenças, e obsessões constituem os principais fatores determinantes da sua construção. Esta personagem terá a capacidade de surpreender ao leitor de forma convincente.

Sebastião projeta-se no tempo e seus conflitos traduzem uma temporalidade modelada através da perspectiva assumida pela narrativa. A quantidade de informações é ilimitada, pois estamos diante de um caso de focalização onisciente e a personagem é vista pelo ângulo de um enfoque interno e mais complexo em sua formação, o que se transforma numa solução técnica da narrativa para ajustar todas as potencialidades e aspectos da personagem criada.

A projeção no tempo feita por Sebastião leva - nos a inquirir sobre a importância desse elemento da estrutura narrativa. Ao indagar-se sobre a que momento pertence e ao sentir dúvida sobre sua própria identidade, e sobre a identidade de cada um dos companheiros de Alcácer, como entender e conceituar o tempo?

Poderia ser ele, um período delimitado por um evento considerado anterior e outro considerado posterior, um movimento constante e irreversível através do qual o presente se torna passado, e o futuro presente. E, uma das categorias fundamentais do tempo filosófico é justamente o espaço, considerado um dos elementos constitutivos do real e de nossa forma de experimentação. Para Kant (CHALLAYE, 1966, p.189-198), o tempo é uma das formas puras da sensibilidade, sendo portanto dado *a priori*, e constituindo uma das condições de possibilidade de nossa experiência do real e na obra *Crítica da Razão Pura* afirma: *o tempo não é outra coisa que a forma do sentido interno, isto é, da intuição de nós mesmos e de nosso estado interior* (JAPIASSU, 1991, p. 142-3).

E assim:

*As nações todas são mistérios.
...Então lembra-se: deve ser o escritor Jerônimo de
Mendonça, disseram-lhe em Lisboa que seria
procurado por ele(...)
... Eu vi a luz em um país perdido.*

E se todas as nações têm seus mistérios a serem decifrados, sem dúvida o que se pretende é encarar de frente a luz em um país que se acha perdido.

Um estranho fio invisível parece tecer os passos da história. Eis diante de Sebastião, o escritor Jerônimo de Mendonça. O cronista do rei ou outra coincidência. Não consegue mais entender as coincidências. *... há aqui um estranho mistério de nomes que preciso de decifrar. (...) a vida é que por vezes parece uma fantasia.*

Só a partir de Alcácer se poderá chegar a um final. O jogo de palavras torna-se perigoso ao se transformar em um jogo de destinos preso a um tempo histórico e a um tempo presente. A localização é Alcácer ou é Angola. Parece que através das palavras algo de irremediável está sendo criado. Nomes se conhecem e desconhecem. Fatos se identificam e são desconhecidos. Entre todas as dúvidas há uma única certeza, comprovada no texto que se segue:

O que interessa é ver o que se pode fazer, se é que se pode fazer alguma coisa. Talvez sim, talvez não. Já tenho idade para perceber os limites daquilo a que alguém chamou a intervenção consciente num processo histórico inconsciente. (ALEGRE,1989, p. 78-9)

O conhecimento da totalidade ainda está por vir. Nomes de Alcácer.

- *Os nomes de alguns conspiradores.*

A conspiração é uma certeza e uma necessidade. São as personagens de uma nova guerra e de uma nova história que ainda está por ser escrita.

4. *Jornada de África* : O mundo intertextual

A obra de Manuel Alegre apresenta uma multiplicidade de significados que permite e até solicita ao leitor uma visão múltipla de interpretação. É aqui, que a literatura moderna se depara com a diferenciação de discursos e de textos existentes nas obras a serem analisadas. O texto não pode ser desvinculado de seu contexto pois o autor deve refletir toda a sua participação no mundo em que ele e a obra estão inseridas. Constantes alusões e citações são intercaladas no texto para levar o leitor à compreensão da mensagem ideológica do autor. Há um processo de apropriação livre, de autores e obras identificadas, como também de obras em que não percebemos sua autoria nem a preocupação ou a necessidade do autor de as fazer reconhecidas. Os textos encontram-se entrelaçados para transmitir o engajamento ideológico pretendido pelo autor. Dentro de uma obra engajada por essência como é a produção de Manuel Alegre, as produções escolhidas para esse entrelaçamento possuem uma unidade de pensamento ideológico que auxiliam na transmissão das idéias. Manuel Alegre passa por Camões, Bernardim Ribeiro, Fernão Mendes Pinto, Fernando Pessoa, Camilo Pessanha, entre outros tantos, muitas vezes não identificados. Mas, o que se percebe é a

unidade de enfoque temático utilizado por todos os autores. De séculos diferentes, de momentos diferentes, mas com uma única forma de tecer a história de seu país, Portugal. Não é admissível a idéia de isolacionismo, pois o autor engajado preocupa-se com a propagação de suas idéias de forma a situar sua luta numa ação mais ampla dentro dos valores universais. E Manuel Alegre não se isola, apóia-se em textos e autores com os quais se identifica. São portugueses ou estrangeiros, não importa, a intenção é apenas uma: a busca de uma pátria justa e livre, ou, como ele mesmo definiu em um de seus contos, *um país azul*. A angústia da personagem, ao se situar diante de uma luta que não vê, ou até da sensação de impotência diante da ação de outros, e da sua imobilidade e a de seu povo, é - nos descrita no texto e coloca - nos, como já dissemos no segundo capítulo de nossa dissertação, diante de ideais que são universais na essência.

Assim, o narrador lembra-se de alguém que escreveu: *A minha geração não foi à guerra / Por isso a paz que traz não tem sentido*. E segue-nos dizendo ser um *... nostálgico da ação que não há: batalhas, guerrilhas, amor louco, Sierra Maestra. Ou talvez Paris, Europa, o Mundo* (ALEGRE, 1989, p.21). Dessa forma afirmamos, baseados no texto de Clara ROCHA (1980, p. 50-61) que a apropriação intertextual não implica em sujeição do autor a valores estrangeiros, mas,

através de uma visão lúcida dos problemas que se pretende enfrentar, utiliza-se de temas e textos que coincidem com suas idéias e que jamais o afastariam de sua missão social.

O discurso da personagem Sebastião possui um contexto que reflete uma coletividade social que se estende de uma geração para outra. A produção intertextual é muitas vezes inconsciente, como nos afirmam vários teóricos, mas não acreditamos em tal característica nos recursos intertextuais de Manuel Alegre, na obra a que nos propusemos estudar.

4.1. A linguagem intertextual: Alcácer e Angola. Sebastião e Sebastião

Toda a obra de Manuel Alegre absorve e transforma uma variedade de textos em apenas um texto construído das muitas vozes que são assimiladas. Trata-se de um discurso dialógico, aqui nos utilizando da terminologia de BAKHTIN (1993, p. 33). A lógica dessa modalidade de discurso não é determinada pela seqüência precedente, numa relação de causalidade, mas cada seqüência é seguida por outra sem apresentar uma relação causal.

Estabelece-se uma rede de sentidos que vai para além do texto, produzindo novos significados que serão captados pelo leitor. Continuando no pensamento de Bakhtin, todo texto é a assimilação e mudança de uma multiplicidade de outros textos, que serão, a nosso entender, desde os literários, incorporados pelo autor, como os fatos da história que são de seu conhecimento, suas experiências de vida e crenças ideológicas. A intertextualidade é um trabalho constante de cada texto com outros textos, gerando assim um grande diálogo entre obras. Cada obra surge como uma nova voz que transformará as vozes anteriores, fazendo-as soar de forma diferente e com outras entonações. Nada está total e definitivamente dito, e é assim que o autor, intertextualmente, vai criar a lógica interna de seu trabalho. O autor não declara nada, utiliza os bens de outrem como se fossem seus e a partir desse ato cria seu contar. Há o estabelecimento de um diálogo entre a verdade do passado e a construção de uma nova realidade do presente. É o mistério do Tempo, tantas vezes questionado. O Tempo Agostiniano triplicado. É a alma concentrada em um só ponto, o presente do presente, por onde o tempo passa e pelo qual pode ser medido à proporção que se abrevia a expectativa e alonga-se a memória. A memória ganha extensão e traz um elemento a mais para a atividade do espírito. Esse diálogo é feito entre o

sujeito da escritura e seu destinatário e entre o texto escrito e outros textos incorporados.

Assim é a obra *Jornada de África* de Manuel Alegre. A todo instante, nós, leitores, somos surpreendidos com a variedade de vozes que entram em contato com nossa leitura, exigindo pensamentos e atitudes novas de interpretação. Há uma criação seguida de outra criação, tudo para nos levar a interpretar a mensagem transmitida de forma crítica e racional.

A primeira evidência da intertextualidade está no próprio título do romance: *Jornada de África*. A primeira obra com esse título é a crônica do mítico rei Dom Sebastião, de autoria de Hierônimo de Mendoça, divulgada em 1607. O autor, contemporâneo do rei, participante da grande batalha de Alcácer Quibir, faz o primeiro relato do episódio em língua portuguesa. Desde a epígrafe, Manuel Alegre nos coloca a par da crônica de Hierônimo de Mendoça, que vai servir mais adiante de senha para o encontro clandestino de dois opositores ao regime de Salazar.

Atitudes precisam ser tomadas e o serão. Os dois ativistas se encontram. Um alferes recém chegado a Angola e um escritor. Coincidência, destino, ou retorno no tempo: Sebastião e Jerônimo de

Mendonça estão frente a frente. Há um mistério a ser decifrado. E nos diz:

Já não sei ao certo quem sou, há aqui um estranho mistério de nomes que preciso decifrar. Vou receber alguém que tem o nome do autor da crônica do OUTRO, quem sabe se não está destinado a escrever a minha. Não julgues que estou a delirar, a vida é que por vezes parece uma fantasia. (ALEGRE,1989, p. 75)

Trata-se de um romance com finalidade de transformação de uma tradição histórica e reflete uma fase de Portugal em que o imaginário social necessita de novas configurações. O escritor ao produzir uma obra engajada deve imaginar uma práxis que penetrará nas crenças de toda a nação para levá-la a crer numa nova necessidade. O autor fala em nome de toda uma tradição social e a sociedade, através dele, tomará conhecimento de si própria e das necessidades de mudanças imediatas. E afirma-se que:

Se os caminhos são historicamente possíveis, materializam na escrita aspirações subjetivas que, dialeticamente, não são apenas suas, mas de toda uma coletividade. (ABDALA, 1989,p.24)

A narrativa de *Jornada de África* cria uma malha de textos que complementa a função revolucionária do autor. Utiliza-se de

escritores seus contemporâneos como também de clássicos da literatura portuguesa e estrangeira.

De Camões a Fernando Pessoa, de Fernão Mendes Pinto a Carlos de Oliveira, de Rilke a Proust e, antes de tudo e de todos, da crônica de Hierônimo de Mendoça, de 1607, que o autor cita a partir de uma edição organizada por Antônio Sérgio, em 1924, com o título de *O Desejado*. Na edição utilizada encontra-se a crônica *Jornada de África*, narrativa de Alcácer Quibir, sua preparação, seus caminhos e fatos.

O cronista de D. Sebastião, participante de Alcácer, nos ajudará a penetrar pelas intrincadas crenças míticas da alma portuguesa em torno de um rei que a destruiu, mas que a manteve unida apesar de tudo, pois propiciou por seus aspectos míticos, como também já procuramos salientar em páginas anteriores de nossa análise, a elaboração de uma crença e uma espera messiânica que traria de volta ao país, o esplendor perdido. A criação do novo Portugal começará a ser feita a partir da correta interpretação de seus mitos. As esperas messiânicas, como procuramos demonstrar em nosso capítulo anterior, deverão ser substituídas por uma forma realista de encarar o destino da nação. Sebastião renasce, sonha, luta e certamente irá ser soterrado por um fantasma que não foi jamais sepultado e que governa o imaginário de um país. Esse destino trágico, necessário para uma reconstrução baseada na

verdade, será a tomada de consciência de um país que precisa se encarar e se descobrir como parte de um mundo moderno. Esconder-se em um passado mitificado não é mais possível dentro das necessidades que o presente impõe. Alguém deverá ser o cronista do Alferes Sebastião e deverá por ironia do destino ser Jerônimo de Mendonça, o escritor ativista, que luta para tornar sua pátria um território livre de todas as opressões, presentes ou passadas, pois todas as opressões possuem a mesma face. E *As nações são todas mistérios*.

A geração dessa nova *Jornada de África* deverá descobrir outros caminhos e só assim compreenderão a nova luz. E Sebastião, o alferes Sebastião, deverá dizer com convicção: *Eu vi a luz em um país perdido*.

A vida torna-se uma brincadeira, um jogo, *Porque também com palavras se pode criar o irremediável*. (ALEGRE, 1989, p. 78) E o irremediável está no presente, está na Angola sufocada, mas ao mesmo tempo sobrevivendo em seu orgulho, apegada a raízes que a construíram como nação.

4.2. A viagem através dos textos e da história

Camões e todos os textos dos cronistas conhecidos, nos afirmam que Portugal viajava para propagar a Fé e o Império. E diz-nos a personagem Vasco da Silveira, aliás um outro homônimo de Alcácer: *A História sempre se fez com a espada e com o sangue, às vezes com a Cruz. A diferença é que os antigos tinham fé e sabiam o que andavam a fazer.* (ALEGRE,1989, p. 105-6)

Portugal colonizava outros povos encoberto pelos véus da cristandade, o que justificava todas as atitudes expansionistas. Por mais estranha que possa parecer ao mundo contemporâneo, a melhor resposta que encontramos na história literária portuguesa, é uma posição ao mesmo tempo radical e marcada pela inércia. O maior insatisfeito com os feitos portugueses através dos tempos foi o “**Velho do Restelo**”, figura que ficava no porto, criticando os navegadores. E meneando a sábia cabeça, clamava:

*Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
desta vaidade a que chamamos fama!
Ó fraudulento gosto que se atíça
.....
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!*

E em sua Jornada, a personagem Sebastião, no momento da partida vê seu país da janela de um avião. Traz na boca uma oração e diante dos olhos paisagens se descortinam. O casario, o Tejo, a Torre de Belém e *mais um velho meneando três vezes a cabeça descontente.... É o ritmo da partida, quer se queira ou não.*

Na verdade, triste do povo que precisa deixar o lar à míngua para buscar fama na negação dos valores do Outro. O que podemos constatar é que essa atitude caracteriza a política portuguesa através dos tempos. É a política dos colonizadores que querem tomar à força e com desrespeito à cultura dos dominados tudo que puderem tirar dos conquistados.

Dom Sebastião queria ir à África subjugar os infiéis. Recusa-se a ouvir seus fidalgos que tentam dissuadi-lo de partir na temerária aventura.

De forma absoluta, demonstra seu poder sobre os desejos da nação. E assim comanda seus homens como um guerreiro que precisa demonstrar uma mítica bravura. Portugal sucumbe, mas continua a crer e a esperar por seu rei. Um rei fantasma será o soberano de um país que pára no tempo e nos seus valores.

E o Alferes Sebastião, o homem moderno e consciente de sua responsabilidade para com o país, não deseja ir à África mas sabe que precisa expulsar seus fantasmas.

E Salazar, com o dedo em riste, continua a buscar uma guerra santa. Consciente, como já dissemos de que a manutenção de seu regime depende das colônias, não admite oposição. A PIDE está pronta para reprimir. Sebastião e seus companheiros de Angola sabem disso como sabem também que chegou o momento de renascer das cinzas. A hora de exorcizar os mortos que não se desprendem dos ares lusitanos e não deixam que a nação viva seu real destino.

Junto a Sebastião estão todos os fidalgos de Alcácer. Dá-nos a impressão de um retomar, de um reviver para corrigir as falhas de um momento de autoritarismo. O novo autoritarismo também lá está, também em África. E se no passado Portugal vivia o medo da inquisição, como podemos observar nos versos de Antônio Ferreira (citado por SANTIAGO, 1989, p. 191):

*A medo vivo, a medo escrevo e falo,
hei medo do que falo só comigo,
mas inda a medo cuido, a medo calo.*

Agora, ao lê - los tais versos, podemos nos indagar sobre o tempo retratado, se presente ou passado. De qual Portugal está se falando e qual o agente propagador desse medo? Seria daquele que espalhava o terror em nome das verdades da fé, através da inquisição, ou daquele que invade, mata e oprime seus cidadãos e propaga a guerra sangüinolenta em suas colônias?

É através dessas constatações e indagações que fazemos nossa leitura da *Jornada de África*. Uma interpretação do posicionamento de cada uma das personagens de Alcácer que agora agirão em Angola. São aqueles fidalgos que se opuseram, e a Alcácer foram para morrer ou tornar-se cativos, como tão bem nos é mostrado na crônica de Hierônimo de Mendoça, que aliás também nos relata a bancarrota financeira que esses fidalgos e o próprio país sofrerão para tentar pagar pela libertação de seus cidadãos. Como agentes das negociações, Miguel de Noronha, Duarte de Menezes e Vasco da Silveira terão uma função primordial. Uma função também de importância na nova *Jornada*, onde conspiram e organizam-se contra o autoritarismo e são também combatentes de uma guerra em que não acreditam, contra inimigos que não são identificados como seus e que para eles não existem. Desse renascer deverá ser revivida uma nação: Portugal.

4.3. Uma crônica do avesso: o avesso do avesso

A releitura do mito é a consciência da necessidade premente de mudanças radicais na vida, nas raízes e no imaginário coletivo português. Como já concluímos, se o rei Sebastião representou o messias esperado para a reconstrução da grandiosidade perdida, agora, ele deverá ser usado como forma de se ver a verdade e não mais se acomodar em uma espera messiânica.

Sebastião, o rei, almejava a batalha, queria ser o comandante de suas tropas, acreditava em seu destino grandioso e não ouvia seus conselheiros. Arbitrariamente, comandava, levantava sua espada e levava seus guerreiros e seu povo a um destino trágico. Acreditava que seu poder e sua liderança consistiam nas vitórias que buscava.

E Sebastião, o alferes, opõe-se ao regime, não quer ir à guerra, não deseja desrespeitar ao Outro, que não vê como inimigo. É a antítese de seu homônimo. O que almeja não é a fama, é a justiça. O que ambiciona é a liberdade para seu povo e o progresso para seu país, sempre tão oprimido por governos incoseqüentes. Não deseja fama, não quer poder, quer apenas um povo livre. Assim é o Sebastião, combatente de Angola.

E quem são os outros combatentes do avesso? Como agem e o que esperam de seu país e de Angola ?

4.3.1. Miguel de Noronha, Vasco da Silveira, João Furtado, Duarte de Meneses, Alvito, Jorge Albuquerque Coelho e Jerônimo de Mendonça, o “escritor”

A história ainda está a ser construída. A nova história de Angola que almeja por sua liberdade e pela justiça para seu povo e antes de tudo uma nova história para Portugal, que viveu durante séculos a espera de um salvador milagroso. Ainda há tempo e ninguém tem mais o direito de ser um mero espectador. Todos os aspectos de consciência social serão nesse momento trazidos à participação total.

O “escritor” é um europeu de Angola. Precisa que a história volte a passar por ele. Deseja fazer seu país. Não quer que sua pátria morra ou seja esquecida. Não aceita que sofra mais danos trazidos por conquistadores injustos. E como nos diz seu homônimo, o cronista de Alcácer,

... Pofto que nunca efqueçaõ grandes males, nem erros paffados deixar de fer, (...) que pareça a verdade totalmente, e venhaõ a fer maiores os danos da mentira... e quer dizer que veio para falar: não como Efcritor (por certo) que não há rezaõ que tal se cuide de mim, mas como quem vio, e paffou toda efa jornada, darei fomite meu teftemunho... .(MENDOÇA,1785, p. 172)

E o “escritor” será com certeza o cronista do novo tempo, da nova Alcácer que agora se chama Angola. O seu homônimo de Alcácer colocou-se como testemunha viva de um episódio que viveu e também não queria ver a mentira ser propagada. E o novo cronista, também testemunha de uma época, não quer se abster da participação. A história real documentada é assim uma presença indispensável na obra de Manuel Alegre e, em especial, na obra *Jornada de África*, da qual nos propusemos fazer esta leitura interpretativa. Nesse ponto, achamos importante citar um fragmento da obra de Benjamin Abdala que confirma nosso ponto de vista:

na fase de consciência do subdesenvolvimento, a questão se apresenta, portanto mais matizada. Com efeito, quanto mais o homem livre que pensa se imbui da realidade trágica do subdesenvolvimento, mais ele se imbui da aspiração revolucionária, - isto é, o desejo de rejeitar o jugo econômico e político do imperialismo e de promover a modificação das estruturas internas que alimentam a situação de subdesenvolvimento. (ABDALA, 1989, p.26)

A senha para o encontro é uma página da crônica de Alcácer. E assim dizia o texto: *Aqui fe alojou o exercito em um logar alto ao longo de uma pequena lagoa.* (MENDOÇA, 1785, p. 74)

Esse sítio é Alcácer, mas bem poderia ser Angola. É o jogo dos mistérios ou o avesso que se torna o direito. A resposta deverá vir a qualquer momento da ação de alguém.

E Sebastião ainda não conhece os outros companheiros conspiradores. Ninguém mais sabe sua própria identidade. E os outros nomes de Alcácer estarão a contar a nova história fantástica. A entrecortada história de Angola e de um novo Portugal. Quem morrerá e quem ou o que nascerá? Essa é a maior questão em busca de resposta. Resposta que talvez venha, mas será talvez uma nova indagação ou concepção da verdade.

E a interpretação que fazemos sobre a retomada do mito tão presente nas raízes portuguesas é a ressurreição de Sebastião, agora para o reacerto, para a complementação da história de um país que ficou em suspenso, inacabada. E só assim se poderá encarar a face do país frente a frente. E se Portugal durante toda a sua história utilizou-se de seus mitos para partir e dessa forma considerar-se grandioso com suas conquistas, agora estamos vendo o início de um retorno, uma viagem de volta. Uma conquista de si próprio no caminho de regresso às origens. E a conclusão

deverá partir de um ponto inicial: *Quem não Alcácer não alcança.*(ALEGRE, 1989, p. 77)

O escritor se vai, mas a luta, a guerra já se entranhou em todos os seus sentidos: *Não é suor, é aquele cheiro que vem do Norte, cheiro de mato e medo, cheiro da guerra.* (ALEGRE, 1989, p. 32)

4.3.2. Outros nomes, outras vidas, outro Alcácer

E os fidalgos do reino ao Rei aconselharam contra a batalha: *que não era bem dar calor a coufa tam defencaminhada.* (MENDOÇA,1785, p. 43).

Mas Sebastião a ninguém ouvia. Acreditava na vitória e na guerra para a preservação do reino. E, como Salazar, tantos séculos após, vê no sangue o sacrifício necessário.

E junho é o mês das partidas e a guerra já está presente em todo o seu corpo, em seus sentidos. Na primeira partida os instrumentos de guerra ressoavam alto e havia o movimento da ilusão da vitória. Na segunda partida havia o silêncio da discordância, lágrimas de mães, envelhecimento de pais e desespero de noivas. Havia o silêncio, pois não acreditavam na guerra, não viam o inimigo. E a guerra é a preservação da vida, e o alferes tem consciência de que precisa ser contra ela mesmo

estando dentro dela. E o condutor explica a Sebastião a situação em que se encontram dentro dessa guerra: *O inimigo está em toda a parte, meu alferes, talvez no meio de nós.*

Talvez sejamos nós mesmos. E salvar um companheiro da morte o faz ser um deles. ... *a guerra é assim, um minuto altera tudo, transforma a desconfiança em confiança e a dúvida em certeza.(...)* Assim é esta guerra: *não se encontra o que se procura, apanha-se o que não se espera.* (ALEGRE,1989, p. 87)

E através da paródia dos versos de Pessoa, nos classifica a guerra do presente: *...chega-se a fingir que é guerra a guerra que deveras é.* (ALEGRE, 1989,p. 88).

A guerra é a verdade que vivem e não aceitam, daí a necessidade de buscar uma mudança dentro de tão absurda situação.

Chegou o momento de se iniciar a conspiração. Será em casa de um amigo de Sebastião, (do rei ou do Alferes ?) Duarte de Meneses. Seria o mesmo amigo e conselheiro do rei, que Dom Sebastião pensou levar em sua defesa e assim narrou - nos o cronista do rei:

...na vanguarda dom Duarte de Menefes, meftre de campo general foy com rezaõ atribuiido a el Rey a temeridade, pello perigo pudera auer, ... os fidalgos o fentiraõ de maneira, que feem nenhum temor, ou fingimento fe foraõ a elle, fazendo-lhe algumas

lembranças, mais de repressão, que de confelho...
(MENDOÇA, 1785, p.122)

Entre os fidalgos conselheiros de Alcácer e conspiradores de Angola, toda a coincidência do destino, ou Kairos como classificam os gregos. Também lá estava Miguel de Noronha, Vasco da Silveira, Alvito E dizem os conspiradores - “conselheiros”: *uma guerra colonial é sempre uma guerra perdida.* (ALEGRE,1989, p. 99)

E o novo Sebastião já ouviu falar de todos. Ao contrário de seu homônimo, que queria a guerra e a conquista, nunca aceitou repetir a tradição. A noção de justiça e liberdade nasceu e vive dentro dele. Dessa forma: *Não precisou de ler manuais para tomar, por instinto, o partido da liberdade. A política invadiu a sua geração como uma totalidade. Para muitos a revolução é um absoluto, um sucedâneo do Deus perdido na adolescência. Aquele mesmo Deus, em nome de quem se levava a morte, o domínio, a guerra e as ambições de poder. Mas não destruiu, apesar de tudo a inquietação. (...) O social sobrepõe - se ao individual.* (ALEGRE,1989, p. 100).

Mais um avesso se torna evidente. A cruz que era levada para conquistar através da mentira da fé, é agora um ideal coletivo, uma necessidade de todos e daí a crítica à mentira da fé: *A revolução que se transforma em religião de Estado deixa de o ser. Para agir sobre as*

coisas é preciso pecar. (...) Só pecando, ó Rimbaud, se muda a vida.

E em se mudando a vida, já Camões o sabia, se mudam os gostos dela.

E na conspiração estão todos, consciente ou inconscientemente. É o espelho estilhaçado pelo tempo e pela verdade. Sebastião pressente seu futuro e o futuro de sua luta e suas crenças. Os outros o olham sem compreender. Houve um momento na história que todos olharam o rei sem compreender o porquê de seus desejos. Acompanham ao soberano mesmo contrários a ele e agora, conspiram junto a outro Sebastião por tudo aquilo que há séculos pressentiram. Serão os conselheiros do novo tempo, do novo país.

Alvito, como o barão que quis prender o rei na véspera da batalha. Quem sabe se melhor não teria sido se o tivesse feito.

Miguel de Noronha *comandou um dos terços portugueses e após a batalha, como nos relata Hierônimo de Mendonça em sua Jornada, foi o negociador que salvou grande número de cativos.*

Vasco da Silveira comandou o outro terço, e, logo abaixo de D. Sebastião vinha Duarte de Meneses - *tu és o maior, porra, o número dois, logo a seguir ao rei, estavas à frente da cavalaria no corno esquerdo do exército.* (ALEGRE,1989, p. 101)

E, Sebastião: é Sebastião. O que vai à guerra sabendo que não deve ir; o que mata sem saber por que; o que repetirá para mudar e

tem consciência de sua fraqueza quando nos afirma: *Quem vive os mesmos riscos e morre as mesmas mortes acaba por ser igual.* (ALEGRE,1989, p. 75).

Jerônimo de Mendonça, o “escritor”, tinha razão. É tudo um novo tempo para fazer andar o tempo parado no ar por tantos séculos. Pode ser ou será um novo Alcácer Quibir, mas desse Alcácer novas lições serão tiradas. Um país ganhará sua história através da liberdade e do respeito que almejam, e o outro se refará dos enganos cometidos através do respeito que sentirá por si próprio. O novo Portugal da verdade e que voltará para casa, para os seus, com a dignidade de quem quer cumprir um papel verdadeiro na história.

4.4. Da batalha, seus sucessos e conseqüências

É quase manhã em Nambuango.... Sebastião, o alferes, despede-se do poeta amigo, e os dois já pressentem sinais no ar. Há muitas coisas sendo transformadas na história e no mundo de cada um. E diz: *Há algo mais que está a morrer aqui,... como se fosse o tempo a apodrecer, a História, um país...* (ALEGRE,1989,p. 288)

Quem está morrendo ou renascendo de forma diferente sem dúvida é Portugal. O país, que se fez de dentro para fora, deverá

regressar, fazer sua viagem do avesso e encarar-se no espelho da verdade. Os estilhaços deverão se reunir para reconstruir o novo Portugal. Um mito que desaparecerá para dar liberdade e dignidade a uma nação: Angola. E desse nascimento irá reconstruir-se a partir do novo Sebastião.

E o dia é chegado: *El Rey nefte tempo andaua por todo o campo armado ... dando particularmente ordem a muitas coufas...* (MENDOÇA, 1785,p. 98) E no presente, Sebastião conclui: *talvez tenhamos de não ser para podermos voltar a ser. É o outro Portugal que se busca, não o que se conhece e como nos diz o alferes: ... um país que já foi, um país que ainda não é. É por esse novo Portugal que me apetece dar um novo Santiago.* (ALEGRE, 1989, p. 231)

Tinham começado a subir um pequeno morro, eram onze da manhã, o calor apertava... De que tempo falamos, a que espaço nos referimos? A data é 1498, o local Alcácer, ou será que estamos em Angola.

Em Alcácer, *alguns ficaraõ mortos...pfto que nefte tempo fooi morto Pero de Mefquita...*”(MENDOÇA, 1785, p. 134)

Em Angola, o primeiro guerreiro cai morto com um tiro na nuca. Sebastião, o alferes, comanda como o rei seu homônimo também o fez. Diante dele está seu Furriel, Luís de Brito, mais uma obra do destino. O mesmo Luís de Brito que por último viu o rei...

Fogo - ordena o Alferes.

A batalha cada vez mais violenta faz cair por terra muitos homens, e o próprio narrador não sabe mais onde está o Alferes. Andava por toda a parte, comandava e fazia renascer o outro Sebastião. Aquele que, segundo Hierônimo de MENDOÇA (1785, p. 156) *...andava por toda parte pelejando peffoalmente, como fe fô no valor de feu braço eftiuera o remedio de todos...*

E Sebastião, o Alferes, insiste numa estratégia de ataque. Também como seu homônimo, não vê como são poucos, não acredita na desvantagem. Continuam num ataque inútil. E o Alferes, ou o rei, não mais se sabe, *...fazendo as maravilhas que todo o mundo vio...* (MENDOÇA, 1785, p. 181)

E Luís de Brito não mais viu Sebastião e

... ate este paffo ouue algumas peffoas dignas de fe que oufaraõ reuelar o acontecido, porem fe viraõ mais, não fe fabe, o que fe vio fempre claramente he, que nunca alguem diffe que vira matar a el Rey...

O Alferes quer todos reunidos, todos os nomes de Portugal, nomes de Alcácer e Nambuangongo, *nomes de muitos nomes feitos, abracemo-nos, camaradas.*

São agora todos, toda uma nação. Não serão apenas fidalgos que os cronistas fazem lembrar, não são estrangeiros comandados por mandatários de reis. São soldados do povo que deixaram sua pátria para tentar reconstruí-la. São os mesmos nomes do passado que viverão o mesmo destino dos antepassados para ensinar o caminho da volta para sua pátria:

... O nosso alferes - repete o Furriel. E já não o vê. Nunca mais o verá. (ALEGRE, 1989, p. 242)

O destino está cumprido e a missão completa. Os opressores terão seus dias contados, o novo mundo irá renascer dessas mortes sem testemunhas e cronistas.

Afinal, Portugal também é um **País Azul**.... (ALEGRE, 1989, p. 54)

Conclusão: *Jornada de África: um longo percurso, uma grande descoberta*

Nessas reflexões nos propusemos a expressar nossas inquietações diante dos fatores ideológicos desenvolvidos em uma obra de intenções sociais e políticas como é a característica da narrativa *Jornada de África*, de Manuel Alegre. Para tanto, começamos nosso percurso a partir da tentativa de interpretar os aspectos temáticos desenvolvidos pelo autor, baseado inteiramente em tópicos básicos da história da nação portuguesa, apegada a seus mitos, os mitos da portugalidade, que sempre desenharam o perfil do povo português, de suas angústias, crenças e necessidades de auto-afirmação.

Temos consciência da vastidão e complexidade que marcam a escrita, o estudo e a análise de um texto engajado em um posicionamento político. Como já foi afirmado por vários estudiosos, a literatura de temática sócio-política e de caráter apelativo, deve ser fundamentalmente datada, tanto na sua recepção por parte do leitor como na sua referência espacial e temporal. A literatura de intenção interventora e participativa destina-se prioritariamente a leitores contemporâneos e acaba tendo maior penetração naqueles que reconhecem os aspectos sócio-políticos tratados. Há uma referência circunscrita a um espaço

nacional e a um tempo presente. Mas, no nosso entender, a obra *Jornada de África* transcende a seus valores regionais e nacionais para apresentar aspectos universais ideológicos. Há uma contextualização histórica universal, ao colocar-nos a par de resoluções internacionais e de movimentos políticos que estão além das fronteiras portuguesas e que muito influenciam a evolução histórica do país.

Analisamos o texto de Manuel Alegre como uma obra engajada e marcada pela recuperação de valores literários do passado, por um lado, e de mitos nacionais e não-nacionais, por outro.

O antigo, arraigado na alma portuguesa e, mais do que nunca, na do autor, tão apegado a sua pátria. E o estrangeiro, que de todas as formas, voluntária ou involuntariamente, interfere nas atitudes de comportamento do povo. Ambos os fatores contribuem para uma intervenção sócio-política atuante.

A partir dos modelos do passado, como Camões e outros mais, Manuel Alegre revela uma tendência atualizadora com a finalidade de cantar o presente e o futuro. A partir dos modelos do passado, tão apegados à alma portuguesa, procura cantar o presente e o futuro. Em seu horizonte está um novo conceito de portugalidade, que ele próprio nos afirma em seus versos do poema “*Raiz*”:

Canto a raiz do espaço na raiz

do tempo (ALEGRE, 1989, p. 262)

Como podemos ver, o poeta Manuel Alegre procura reencontrar a autenticidade original do espaço português nas origens do tempo. Nas origens do passado histórico e literário que deve ser reativado para um renascimento criador. E a busca dessa autenticidade está presente na totalidade de sua obra e particularmente no romance por nós analisado. Busca textos contemporâneos a D. Sebastião, como a crônica homônima, *Jornada de África*, de 1607, escrita por um autor homônimo de uma personagem por ele criada no romance, Jerônimo de Mendonça.

Jornada de África é um romance que em nossa interpretação está envolvido por três elementos fundamentais - a luta, a história e o herói - o que nos levou a fazer uma linha de leitura com tentativas de ir desmembrando esses elementos. O herói épico, aqui assumido por Sebastião, o alferes, num pseudo-renascimento de Sebastião, o rei. Sentimos necessidade de entrar por uma pesquisa que incluiria as reações da memória individual ou coletiva diante de um fato marcante como foi a batalha de Alcácer Quibir. E também procurarmos entender um pouco mais as funções de um mito, de uma espera messiânica, na alma e nas necessidades de uma comunidade. As razões que levam as comunidades a se apegarem à existência desses messias e à esperança de superação de

suas dificuldades e angústias a partir das intervenções messiânicas. O irreal mítico toma a configuração do sonho, da imaginação e da reconstrução a partir do momento em que é retomado de forma bem específica. O milagre corresponde à transformação que se deseja e por que se luta, e confere um sentido dinâmico de mudança, até ruptura em relação à estagnação histórica que se quer combater.

A história está presente em todos os momentos da narrativa e nos despertou a necessidade de uma pesquisa da história da nação portuguesa, para melhor entendermos sua trajetória. Partimos do pensamento de Marx, que nos afirma: *“a arte é condicionada pela sua época e representa a humanidade na medida em que corresponde às idéias e às aspirações, às necessidades e às esperanças de uma determinada situação histórica”*(FISCHER, 1959). Assim, consideramos válido nosso caminhar por entre a história do país que precisávamos melhor conhecer e entender. Dos manuais da História de Portugal partimos para nos documentar em textos literários que favoreceram nossa interpretação e ao mesmo tempo reforçaram nossa crença nas palavras de Marx, que citamos a partir da obra de Fischer.

E o outro ponto de nossa preocupação esteve no herói, cuja construção mais nos prendeu a atenção devido à forma original com que nos é apresentado. O alferes Sebastião, homônimo de um outro Sebastião,

um rei mitificado pela tradição, parece ter um estranho destino a cumprir: sepultar o rei, para dessa forma ressuscitar a pátria e a dignidade do povo português. É o momento em que os erros deverão ser corrigidos, os opressores destronados e a verdade reavivada.

A busca intertextual traduz a vontade do lusíada exilado na própria pátria que o reprime ou na ideologia que o tortura. Procura as raízes, que são a condição necessária para o reencontro individual. A nova pátria, com novos mitos e novos rostos, que tanto pretende construir. Há uma face obsessiva no mito do regresso que, por ser indissociável ao mito das origens, está na obra profundamente presa a um significado telúrico, como podemos constatar nos versos:

*É preciso voltar a ter uma raiz
um chão para lavrar
um chão para florir (ALEGRE, 1989, p. 262)*

Esse direcionamento para raízes é altamente freqüente em *Jornada de África*, como por exemplo no apego que o alferes Sebastião demonstra por sua pátria, sua infância, suas tradições familiares e até no elemento ligado aos sentidos, como a lembrança do perfume da primavera em sua aldeia. Ou ainda a luz da vela que iluminava a noite de febre da infância desse personagem, cujo nome que carrega é carregado por gerações em sua família.

A releitura do mito do sebastianismo que foi, como afirmamos anteriormente, a maior tentativa de desenvolvimento de nosso trabalho, tem como base essa idéia de retorno, de reconquista da pátria que foi fazer sua glória fora de seu território e que agora deve ser um *Os Lusíadas* ao avesso. É a volta ao lar, à terra, à pátria, às raízes. Os textos do passado e as alusões à história em nada têm a ver com saudosismo ou passadismo, antes, pelo contrário, servem para cantar a idéia do presente, com os olhos no futuro, que fulgura no horizonte de Manuel Alegre.

Esse lusíada ao avesso também será desvinculado do apego ao saudosismo que o manteve por séculos a espera de um “**Quinto Império**” que jamais se concretiza, mas que mesmo assim pacientemente, ele aguarda. A espera não pode mais existir. A espera acabou e como nos diz na *Jornada de África: Talvez o Quinto Império seja afinal o fim de todos os impérios. O grande Império do Avesso, o Anti-Império.*

Esperamos ter conseguido desenvolver o que nos propusemos e queremos deixar clara a nossa consciência do quanto ainda temos a estudar sobre essa matéria. O trabalho ora apresentado, certamente terá continuidade. Um dos méritos dessa pesquisa, entendemos, foi fornecer uma base para que possamos prosseguir na análise do sentido ideológico do sebastianismo - essa forma de

messianismo que acabou por marcar por tantos séculos o caráter nacional português.

Referências Bibliográficas

Textos de Manuel Alegre

01. ALEGRE, Manuel. *Atlântico*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
02. _____ *Com que pena, vinte poemas para Camões*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
03. _____ *O Canto e as armas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
04. _____ *O Homem do País Azul*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
05. _____ *Jornada de África*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

Textos teóricos e críticos

01. ABDALA, Benjamin Jr. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
02. _____ *Literatura, história e política*. São Paulo: Ática, 1990.
03. BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
04. _____ *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
05. BARTHES, Roland. *Introdução à análise estrutural do discurso*. in *Communications*, 8, 1966, p. 27.
06. BENJAMIN, Walter. *Ensaio sobre literatura e história da cultura: obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
07. BOURDON, Albert-Alain. *História de Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina, 1973.
08. CAMÕES, Luís de. *A chave dos lusíadas*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1960.
09. _____ *Obras completas: os lusíadas*. 3 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1968.

10. CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
11. CARVALHO, Joaquim Barradas de. *O renascimento português: em busca da sua especificidade*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1980.
12. CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 6 ed. São Paulo: José Olympio, 1992.
13. CRESPO, Ángel - *A vida plural de Fernando Pessoa*. Trad. José Viale Moutinho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
14. CUNHAL, Álvaro - *A revolução portuguesa: o passado e o futuro*. 2 ed. Lisboa: Avante, 1976.
15. FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
16. _____ *Peles negras, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
17. FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. Lisboa: Ulisseia, 1959
18. GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
19. JAPIASSU, Hilton, MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 2 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
20. LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. 4 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
21. LUKÁCS Georg. *El alma y las formas: la teoria de la novela*. Barcelona: Grijalbo, 1962.
22. MELO, João (org.) *Os anos da guerra: 1961 / 1975: os portugueses em África: crônica, ficção e história*. Lisboa: Publicações D. Quixote 1987.
23. MENDOÇA, Hieronimo. *Jornada de África*, (obra de 1607,. edição copiada fielmente por Bento Joze de Souza Farinha, Com licença da Real Meza Cenforia. Lisboa: 1785.)
24. MOISÉS, Leyla Perrone. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção Ensaios n. 45).
25. NEVES, António da Silva. *Bandarra, o poeta de trancoso*. Lisboa: Publicações Europa. América, 1990.
26. PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Ática, 1954.
27. QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus, 1965.
28. REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 2 ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1990.

29. SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
30. _____ *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
31. SARAIVA, Hermano José. *Pequena história da grandes nações. Portugal*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
32. SARAIVA, José António, LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: 1971.
33. SERRANO, Carlos, KABENGELE, Munanga. *A revolta dos colonizados: o processo de descolonização e as independências da África e da Ásia*. Atual, 1995.
34. TORRES, Pinheiro Alexandre. *Romance: o mundo em equação*. Lisboa: Portugália. 1966.
35. VALENSI, Lucette. *Fábulas da memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
36. VALENTE, Waldemar. *Misticismo e região: aspectos do sebastianismo nordestino*. Recife: Instituto Joaquim Nabucco de Pesquisas Sociais, 1963

Bibliografia Geral

01. ABDALA, Benjamin Jr., CAMPADELLI, Samira Youssef. *Tempos da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.
02. BASTIDE, Roger. *Brasil terra de contraste*. 5 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.
03. BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
04. JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.
05. LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, 10^a. ed., PUF, Paris: 1968.
06. LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
07. LIMA, Luiz Costa. *Aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

08. _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
09. MAFRA, Johnny José. *Textos de latim jurídico*. Belo Horizonte: UFMG/ PROED, 1985.
10. MEDINA, Cremilda de Araújo. *Viagem à literatura portuguesa contemporânea*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.
11. MENDONÇA, Fernando. *A literatura portuguesa no século XX*. São Paulo: Hucitec, 1973.
12. MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros [et al.]. *A literatura portuguesa em perspectiva*. São Paulo: Atlas, 1993.
13. MOTTA, Virgínia, GÓIS, Reis Augusto, AGUILAR, Irodino Teixeira de. *Manual de história da literatura portuguesa*. Lisboa: Livraria. Popular de Francisco Franco, s/d.
14. NEVES, António da Silva. *Bandarra, O poeta de Trancoso*. Sintra: Publicações Europa. América, 1990.
15. PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Unicamp, 1993.
16. REVISTA TEMPO BRASILEIRO v. 114 / 115. Rio de Janeiro, 1993.
17. REVISTA TEMPO BRASILEIRO. v. 110. Rio de Janeiro, 1992.
18. SANTIAGO, Silviano. *Vale Quanto Pesa* Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.
19. TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Abstract

This dissertation aims to make another reading of the sebastianism based on the idea of return, reconquest of homeland that made its glory outside its territory and that now should be an *Os Lusíadas* in reverse order. It is the return home, the return to land, to homeland, to the roots.

It is text that, although alluding to history, is not stuck to past or longing ideas; but instead, it tries to gather the pieces of the mirror splintered by time so that it may achieve to sing the idea of the present with an eye to the future, which glitters in the horizon of Manuel Alegre.

And as defined by the author himself in one of his poems:

***“ Há um tempo parado no tempo que voa.
Porque um fantasma é rei de Portugal.”***
(ALEGRE, 1989, p. 160)

*[There is a time stuck in fleeing time.
Because a phantom is King of Portugal.]*